



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA-UNILAB**

INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH

CURSO DE ANTROPOLOGIA

**A ESCOLA FRENTE AO/A ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA: TENTATIVAS EM
CURSO PARA A INCLUSÃO**

ANA PAULA SILVA SOARES DE CASTRO

REDENÇÃO

2020

ANA PAULA SILVA SOARES DE CASTRO

**A ESCOLA FRENTE AO/A ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA: TENTATIVAS EM
CURSO PARA A INCLUSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial à obtenção da certificação de Bacharel em Antropologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Geranilde Costa e Silva.

REDENÇÃO

2020

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Castro, Ana Paula Silva Soares de.

C35e

A escola frente ao/a estudante com deficiência: tentativas em curso para a inclusão / Ana Paula Silva Soares de Castro. Redenção, 2020.

63f: il.

Monografia - Curso de Antropologia, Instituto de Humanidades,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira, Redenção, 2020.

Orientador: Prof^a. Dr^a Geranilde Costa e Silva.

1. Estudantes com deficiência. 2. Inclusão escolar. 3. Laudos periciais. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 371.9043

A sala de aula é um ambiente de comunicação, no qual pessoas com diferentes interesses e afinidades se encontram para aprender umas com as outras.

Andrea Ramal

DEDICATÓRIA

A minha família que sempre me apoia e ajuda, com demonstração de força, apoio e carinho, não mediram esforços na minha formação pessoal e acadêmica, renunciando em alguns momentos dos próprios sonhos para que pudesse realizar os meus.

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, por ter me mantido em pé nas horas difíceis, quando pensei em desistir. A minha família por compreensão e amor. A minha orientadora Geranilde Costa, por toda a orientação e auxílio.

A universidade que oportunizou o sonho de cursar um curso superior. E a todos os amigos que direta e indiretamente me fortaleceram durante a caminhada.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa que tem como tema “A escola frente ao/a estudante com deficiência: tentativas em curso para a inclusão” teve como objetivo geral compreender como o laudo dado a criança com deficiência pode atuar como instrumento de inclusão ou exclusão escolar. A problemática a ser discutida é de sobremaneira relevante uma vez que esse instrumento, ou seja, o laudo psicológico e/ou clínico penaliza a criança e a estigmatiza passando a ser considerada incapaz, e assim, excluída do ambiente escolar. Marcando, portanto, negativamente sua passagem pela escola, fazendo com que a família, em alguns casos, seja forçada a retirá-la do convívio escolar. De modo que primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica e qualitativa para um maior embasamento teórico, por meio da leitura de livros, dissertações e artigos de periódicos sobre o tema relacionado à temática do laudo psicológico junto às crianças com necessidades educacionais especiais. Logo em seguida, utilizou-se como instrumento de pesquisa um questionário via plataforma Google Docs com gestores e professores da instituição. Os resultados obtidos apontaram que a instituição pesquisada não apresenta ações e/ou estratégias que possa contribuir no processo de inclusão dos alunos com necessidades especiais, tendo em vista o despreparo da escola com a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Palavras-chave: Necessidades especiais. Laudo psicológico. Escola. Deficiência. Aluno (a). Inclusão

ABSTRACT

The present research work with the theme “The school in front of a student with a disability: ongoing attempts for inclusion” had as a general objective general objective to understand how the report given to a child with a disability can act as an instrument of inclusion or exclusion school. The issue to be discussed is extremely relevant since this instrument, that is, the psychological and / or clinical report penalizes the child and stigmatizes him, becoming considered incapable, and thus excluded from the school environment. Therefore, negatively marking her passage through school, causing the family, in some cases, to be forced to withdraw her from school. So, first, a bibliographic and qualitative research was carried out for a greater theoretical basis, through the reading of books, dissertations and periodical articles on the theme related to the theme of the psychological report with children with special educational needs. Soon afterwards, a questionnaire was used as a research tool via the Google Docs platform with the institution's managers and teachers. The results obtained showed that the researched institution does not present actions and / or strategies that can contribute to the inclusion process of students with special needs, in view of the school's unpreparedness with the inclusion of students with special educational needs.

Keywords: Special needs. Psychological report. School. Deficiency. Student). Inclusion

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

ANA - Avaliação Nacional de Alfabetização

ANEB - Avaliação Nacional da Educação Básica

ANRESC - Avaliação Nacional do Rendimento Escolar

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB - lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

MEC - Ministério da Educação

SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica

SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

LBI - Lei Brasileira de Inclusão

PPP - Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

1 QUESTÕES INTRODUTÓRIAS.....	11
2 OS PRE (CONCEITOS) QUE PERMEIAM O AMBIENTE ESCOLAR.....	15
3 A ESCOLA FRENTE AO LAUDO PSICOLÓGICO: CAMINHOS PARA INCLUSÃO?	17
4- METODOLOGIA DA PESQUISA	24
5 A ESCOLA PESQUISADA	27
6- A REALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	29
7. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	31
8. CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICE	53

1 QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP é responsável pela realização das avaliações de aprendizagem. Sendo essa uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação - MEC, cuja missão é promover estudos, pesquisas e avaliações sobre o Sistema Educacional Brasileiro com o objetivo¹ de subsidiar a formulação e implementação de políticas públicas para a área educacional a partir de parâmetros de qualidade e equidade, bem como produzir informações claras e confiáveis aos gestores, pesquisadores, educadores e público em geral.

A partir dos resultados das avaliações de aprendizagem é possível conhecer a realidade da Educação ofertada no país possibilitando a adoção de políticas que corroborem para equacionar possíveis dificuldades detectadas nos dados apresentados, ou seja, esses resultados contribuem para se ofertar uma educação de qualidade. Esses parâmetros são essenciais para que as redes de ensino e as escolas reflitam acerca de quais estratégias adotar para alcançar o objetivo proposto, que é uma educação que oportunize aos alunos (as) uma formação integral.

Tendo por referência essas práticas de avaliação as escolas públicas brasileiras tem se mostrado muito preocupadas em épocas de aplicação das referidas avaliações, dentre as quais podem ser elencadas o Sistema de Avaliação da Educação Básica- Saeb, que é composto por dois processos: a Avaliação Nacional da Educação Básica – Aneb e a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar – Anresc.

A Aneb é realizada por amostragem das Redes de Ensino, em cada unidade da federação e tem foco nas gestões dos sistemas educacionais. Por manter as mesmas características, a Aneb² recebe o nome do Saeb em suas divulgações.

A Anresc é mais extensa e detalhada que a Aneb e tem foco em cada unidade escolar. Por seu caráter universal, recebe o nome de Prova Brasil em suas divulgações. E ainda podemos citar a Avaliação Nacional de Alfabetização – ANA. Desde 2013 avaliação passou a ser aplicada anualmente, tem caráter censitário e avalia a qualidade, equidade e eficiência do ciclo de alfabetização das redes públicas. E por último tem-se a Provinha Brasil que é uma avaliação diagnóstica do nível de alfabetização das crianças matriculadas 2º ano de escolarização das escolas públicas brasileiras. Essa avaliação acontece em duas etapas, uma no início e a outra ao término do ano letivo. A aplicação em períodos distintos possibilita aos

¹ Disponível em: portal.mec.gov.br/mais-educacao. Acesso dia: 05/03/2020

² Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/caracteristicas-saeb>

professores (as) e gestores (as) educacionais a realização de um diagnóstico mais preciso que permite conhecer o que foi agregado na aprendizagem das crianças, em termos de habilidades de leitura dentro do período avaliado. Na perspectiva de obter resultados positivos com as turmas que são avaliadas as instituições se valem de alguns expedientes para que possam alcançar um resultado significativo da aprendizagem de seus alunos (as), como já dito, esses resultados dizem também do trabalho que a escola realiza e seus educadores (as).

Vale ressaltar que essas avaliações são realizadas especificamente para estudantes do 2º, 5º e 9º ano do Ensino Fundamental onde ambas as etapas são determinantes para compreender como se apresenta o nível de aprendizagem das crianças tanto no seu processo de alfabetização como no 9º ano quando está finalizando o Ensino Fundamental para ingressar no Ensino médio.

Salienta-se que embora exista uma preocupação com os outros anos escolares o 2º ano do Ensino Fundamental ainda se apresenta como um divisor de águas nessa avaliação tendo em vista que nesta é imprescindível certa maturidade da criança no seu processo de alfabetização.

Nesse espaço de diferentes saberes onde se espera que o (a) aluno corresponda à expectativa do sistema é necessário se perceber a heterogeneidade de sujeitos, com comportamentos às vezes que implicam em cuidados especiais, como: indisciplina, comportamento considerados atípicos, crianças com necessidades³ educacionais especiais, ou com deficiência⁴, dentre as quais se destacam: ⁵Síndrome de Down, Autismo⁶, Deficiência

³A expressão necessidades educacionais especiais pode ser utilizada para referir-se a crianças e jovens cujas necessidades decorrem de sua elevada capacidade ou de suas dificuldades para aprender. Está associada, portanto, a dificuldades de aprendizagem, não necessariamente vinculada à deficiência(s). Disponível em: portal.mec.gov.br/mais-educacao/190-secretarias-112877938/setec-1749372213/18843-avaliacoes-da-aprendizagem

⁴A expressão necessidades educacionais especiais pode ser utilizada para referir-se a crianças e jovens cujas necessidades decorrem de sua elevada capacidade ou de suas dificuldades para aprender. Esta associada, portanto, a dificuldades de aprendizagem, não necessariamente vinculada a deficiência(s). Disponível em: portal.mec.gov.br/mais-educacao/190-secretarias-112877938/setec-1749372213/18843-avaliacoes-da-aprendizagem

⁵A síndrome de Down é causada pela presença de três cromossomos 21 em todas ou na maior parte das células de um indivíduo. Isso ocorre na hora da concepção de uma criança. As pessoas com síndrome de Down, ou trissomia do cromossomo 21, têm 47 cromossomos em suas células em vez de 46, como a maior parte da população. Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/sindrome-de-down/o-que-e/>. acessado dia 20/03/2020.

⁶ Autismo é uma deficiência no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave por toda a vida. É incapacitante e aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida. Acomete cerca de 20 entre cada 10 mil nascidos e é quatro vezes mais comum no sexo masculino do que no feminino. É encontrado em todo o mundo e em famílias de qualquer configuração racial, étnica e social. Não se conseguiu até agora provar qualquer causa psicológica no meio ambiente dessas crianças, que possa causar a doença. (Autism Society of American Associação Americana de Autismo-ASA). Transtorno global do desenvolvimento caracterizado por: um desenvolvimento anormal ou alterado, manifestado antes da idade de três anos, e apresentando uma perturbação característica do funcionamento em cada um dos três domínios seguintes: interações sociais, comunicação,

Intelectual⁷, Hiperatividade⁸, dentre outras. E é nesse momento que a escola busca através de outros profissionais em áreas como, por exemplo, a psicopedagogia, psicologia e a psiquiatria para amparada legalmente por uma justificativa que corrobore para o seu discurso que não se podem obter resultados em uma escala maior de positividade tendo em vista que os (as) alunos (as) apresentam inúmeras dificuldades na sala de aula.

Atualmente a lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, LDB nº 9.394/1996, evoca o artigo 58, no qual a Educação Especial caracteriza-se como modalidade de educação escolar e se organiza de modo a disponibilizar os recursos e serviços de apoio pedagógico especializado. Vale aqui complementar que, além disso, o referido artigo estabelece que a Educação Especial deve ser oferecida “preferencialmente na rede regular de ensino”, havendo “quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de Educação Especial” e que esse atendimento “será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos(as) alunos(as), não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. É nesse momento que a escola se apoia na lei para comprovar que essas crianças não devem passar por esse tipo de avaliação uma vez que as mesmas não estão aptas à realização das mesmas.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo geral compreender como o laudo dado a criança com deficiência pode atuar como instrumento de inclusão ou exclusão escolar, os específicos: *Entender/conhecer quais as ações/estratégias desenvolvidas pela escola, diga-se gestores(as) e professores(as) no que se refere a inserção de escolares com deficiência.* ;

A problemática a ser discutida é de sobremaneira relevante uma vez que esse instrumento, ou seja, o laudo psicológico e/ou clínico penaliza a criança e a estigmatiza passando a ser considerada incapaz, e assim, excluída do ambiente escolar. Marcando, portanto,

comportamento focalizado e repetitivo. Além disso, o transtorno se acompanha comumente de numerosas outras manifestações inespecíficas, por exemplo: fobias, perturbações de sono ou da alimentação, crises de birra ou agressividade. (CID-10 – 2000). Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/autismo.htm>

⁷A deficiência intelectual é caracterizada pelo funcionamento cognitivo que não corresponde à média esperada, ou seja, que esteja abaixo do que é considerado normal. Disponível em: <https://neurosaber.com.br/o-que-e-deficiencia-intelectual/>

⁸ Este termo é usado popularmente para se referir ao **TDAH**, porém é preciso entender que há diferença entre os dois. A **hiperatividade** é uma característica de pessoas muito agitadas, repletas de energia, inquietas, enfim, muito ativas, de forma que nem sempre signifique um distúrbio. O **TDAH** é a sigla que corresponde ao Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, caracterizado pela combinação da dificuldade de atenção e da agitação motora, por isso não pode ser confundido com apenas a hiperatividade. Disponível em: <https://centralpsicologia.com.br/blog/tdah-e-hiperatividade>. Acessado dia 20/03/2020.

negativamente sua passagem pela escola, fazendo com que a família, em alguns casos, seja forçada a retirá-la do convívio escolar.

Essa proposta de pesquisa surgiu a partir do meu exercício enquanto docente em escolas públicas no município de Acarape (CE), pois passei a observar que muitas são as crianças que possuem laudos clínicos ou são laudadas, como são popularmente chamadas, sendo que muitas destas são comumente marginalizadas por tal condição.

A relevância social da pesquisa reside na perspectiva de que se faz urgente desmistificar o discurso de inclusão como algo real, palpável e possível, não se deseja aqui afirmar a impossibilidade da mesma. É importante ressaltar que os apontamentos levantados ao longo do trabalho ficaram visíveis que alguns discursos são meramente discursos que não refletem a realidade das instituições de ensino no município pesquisado assim como também das trocas de experiências com profissionais de outros municípios. Espera-se que a partir dessa pesquisa a verdade possa ser elucidada, os problemas para que a inclusão aconteça são reais. As escolas não estão preparadas, são necessários mais investimentos, e principalmente rever a formação inicial dos professores.

Na metodologia optou-se pela pesquisa bibliográfica e qualitativa para um maior embasamento teórico, por meio da leitura de livros, dissertações e artigos de periódicos sobre o tema relacionado à temática do laudo psicológico junto às crianças com necessidades educacionais especiais. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 31), a pesquisa qualitativa “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc.

2 OS PRE (CONCEITOS) QUE PERMEIAM O AMBIENTE ESCOLAR

A educação é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e ao funcionamento de todas as sociedades. E nesse contexto a escola é o espaço onde acontece o cuidar, educar e a formação dos indivíduos, auxiliando no desenvolvimento de suas capacidades físicas e cognitivas, preparando-os para a sua participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social.

A escola é uma instituição que tem a incumbência de preparar o indivíduo para viver em sociedade, mas por vezes acaba se transformando em um espaço de exclusão, preconceito, como se percebe no dia a dia da escola quando crianças que possuem algum tipo de deficiência, cultura ou credo diferente, ou apresentam dificuldades em seu processo de aprendizagem automaticamente são tratadas com preconceitos, são excluídos e rotulados como “burro”, “lento”, e/ou “incapaz”.

E a aplicação desses rótulos preconceituosos sobre os/as escolares que apresentam algum tipo de dificuldade, transtorno ou deficiência leva as mesmas a não conseguirem realizar as atividades propostas e/ou apresentam um comportamento diferente das crianças tidas como “normais”.

Cabe aqui reflexão sobre a questão da inclusão sob a ótica de Mantoan (2015) ao tratar da educação inclusiva. De acordo com a autora a ideia de uma educação inclusiva está no reconhecimento de que todos têm direito à educação, e está de qualidade, qualidade no sentido também de respeito às diferenças individuais de cada um, ou seja, que é necessária uma educação sem discriminação, estendendo os benefícios de uma educação adaptada às necessidades e realidades de todos os(as) alunos(as), sem barreiras físicas e/ou educativas que impeçam ou limitem a aprendizagem e a participação de todos no sistema educacional. Vejamos com a autora se reporta a essa temática:

Nem todas as diferenças necessariamente inferiorizam as pessoas. Há diferenças e há igualdades — nem tudo deve ser igual, assim como nem tudo deve ser diferente. Então, como concluí Santos (1995), é preciso que tenhamos o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de sermos iguais quando a diferença nos inferioriza. (MANTOAN, 2003, p. 21).

É recorrente nas escolas ouvirmos diferentes termos que são atribuídos a uma criança que apresenta alguma dificuldade no seu processo de aprendizagem. Dentre esses termos os mais utilizados que são: transtornos, dificuldade e deficiência. Todavia esses termos são usados como sinônimos, no entanto, essas expressões apresentam uma diferença significativa, tendo em vista que a *dificuldade* está relacionada a uma condição

psicopedagógica, ou seja, está relacionada a uma questão que tanto pode ser de ordem social, cultural da criança e que afeta diretamente seu comportamento; o *transtorno* é um problema neurológico que fala de alguma condição clínica da criança; e a *deficiência* vai mais além tendo em vista que aqui pode se relacionar os problemas como: Autismo, Síndrome de Dow, deficiência intelectual, visual, auditiva entre outras exigindo uma adaptação na estrutura das instituições assim como também no comportamento dos profissionais que lidam com essas crianças. Assim, é necessário que

(...) se quisermos uma escola que atenda a diversidade, ou seja, uma escola inclusiva precisa-se pensar com o outro, precisamos de um processo longo e constante de reflexão-ação-crítica com os profissionais que fazem o ato educativo acontecer. Se quisermos mudanças significativas nas práticas convencionais de ensino precisamos pensar a formação continuada dos educadores (JESUS, ALMEIDA: SOBRINHO, 2005, p.145).

Não podemos mais pensar a escola somente como transmissora de conteúdo, mas como local privilegiado de aprendizagens e vivências cidadãs e democráticas e quando falamos na defesa, na efetivação e na universalização dos direitos humanos, precisamos considerar os seres humanos, ou seja, estudantes, enquanto seres sociais, inseridos em uma organização social, onde devem ser asseguradas as condições para que os(as) estudantes se desenvolvam e tenha condições de viver com dignidade, igualdade e justiça. No entanto, precisamos ressaltar que o conceito de igualdade não significa que todos tenham de ter as mesmas características físicas, intelectuais ou psicológicas, tampouco os mesmos hábitos e costumes.

Este conceito está imbuído das diferenças culturais entre os povos, pois, mesmo tratando-se de pessoas diferentes, continuam iguais como seres humanos, apresentando as mesmas necessidades e faculdades essenciais a todos. De modo que,

O respeito pela dignidade humana deve existir sempre, em todos os lugares e de maneira igual para todos. O crescimento econômico e o progresso material de um povo têm valor negativo se forem conseguidos à custa de ofensas à dignidade de seres humanos [...]. (DALLARI, 2004, p.15).

Dessa forma entende-se que a instituição escolar é imprescindível para corroborar nesse papel junto à sociedade haja vista que a mesma é responsável para preparar o(a) aluno(a) dando-lhes a formação adequada, seja esta moral e/ou intelectual e que também contribui para a inserção social. Nesse sentido, entende-se a importância da instituição escolar, que vem depois da família para que o indivíduo seja capaz de se relacionar com seus pares na sociedade onde este está inserido.

Alguns autores(as) elencam a escola e a família como importantes instituições que contribuem para a socialização do indivíduo, é nesses espaços onde o convívio com diferentes

pessoas que acontecem as experiências que fortaleceram a formação do(a) mesmo(a). Para Tosta (2013, p. 8), “o âmbito familiar é o primeiro socializador de todo indivíduo.”. Por sua vez, Canivez (1991) mostra que a escola passa a ser o espaço social, depois da família, ao dizer:

A escola, de fato, institui a cidadania. É ela o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de viver em comum. (CANIVEZ, 1991, p. 33).

A discussão da escola como espaço de formação e de socialização sempre foi tema recorrente entre pesquisadores(as) da área da educação e das demais ciências humanas que se propõem a investigar o fenômeno educativo em suas diversas dimensões. Assim,

[...] tornou-se senso comum associar educação à modernidade e à formação do cidadão. Todos dizem que a educação é o elemento constitutivo do futuro; que sem educação nunca seremos modernos; que os países modernos atingiram seu alto grau de desenvolvimento, porque investiram em educação; que a solução para os problemas da exclusão social, da marginalidade e da violência está na educação. (SOUZA, 2009, p. 111).

Assim, o papel da escola como instituição é precisamente o de socializar o saber sistematizado. Para Moreira e Candau (2003) a contribuição da escola não está apenas, e exclusivamente, relacionada ao saber científico, onde se visa à construção e desconstrução do conhecimento. Está relacionada também com a cultura, e esta por sua vez, possui um fator importante, pois é através dela que conhecemos a história, a cultura e a ideologia de um país, lugar, grupo ou sociedade. Com isso, aprendemos a respeitar o que é “diferente”, evitando atos de preconceitos. Assim, a Escola, nada mais é do que um meio educativo que prepara a criança para futuramente viver no mundo social adulto.

3 A ESCOLA FRENTE AO LAUDO PSICOLÓGICO E/OU CLÍNICO: CAMINHOS PARA INCLUSÃO?

De acordo com Resolução Conselho Federal de Psicologia (CFP) N.º 007/2003⁹ onde consta o Manual de Elaboração de Documentos Decorrentes de Avaliações Psicológicas existe um esclarecimento acerca dos processos que devem passar a criança para que esta possa receber um diagnóstico sobre sua situação. E nesses é necessário um entendimento que existem diferentes modalidades para que se alcance o diagnóstico de uma criança que apresenta algum tipo de dificuldades e/ou deficiência.

Ao se reportar a avaliação psicológica, a mesma é entendida como um processo técnico-científico de coleta de dados, estudos e interpretação de informações a respeito dos fenômenos psicológicos, que são resultantes da relação do indivíduo com a sociedade, utilizando-se, para tanto, de estratégias psicológicas - métodos, técnicas e instrumentos. Os resultados das avaliações devem considerar e analisar os condicionantes históricos e sociais e seus efeitos no psiquismo, com a finalidade de servirem como instrumentos para atuar não somente sobre o indivíduo, mas na modificação desses condicionantes que operam desde a formulação da demanda até a conclusão do processo de avaliação psicológica.

E quando falamos de relatório também conhecido como laudo psicológico o mesmo é uma modalidade de avaliação psicológica, além de outras existentes que fazem parte do diagnóstico da criança, sendo que o laudo psicológico é uma apresentação descritiva acerca de situações e/ou condições psicológicas e suas determinações históricas, sociais, políticas e culturais, pesquisadas no processo de avaliação psicológica. Como todo documento, deve ser subsidiado em dados colhidos e analisados, à luz de um instrumental técnico (entrevistas, dinâmicas, testes psicológicos, observação, exame psíquico, intervenção verbal), consubstanciado em referencial técnico-filosófico e científico adotado pelo psicólogo.

Reforçando o entendimento sobre essas questões a psicologia conta com novas normas para a elaboração de documentos escritos produzidos pelos psicólogos no exercício profissional. Durante a Assembleia de Políticas, da Administração e das Finanças (Apaf) que ocorreu de 14 a 16 de dezembro/2018, em Brasília, foi aprovada a revisão da Resolução CFP nº 007/2003, que tem o objetivo de orientar os psicólogos na elaboração de documentos escritos e fornecer os subsídios éticos e técnicos necessários para a produção qualificada da comunicação escrita. Ela tem caráter normativo e orienta de forma mais precisa a escrita de

⁹ Disponível em:

http://www.crpsp.org.br/portal/orientacao/resolucoes_cfp/fr_cfp_00703_manual_elabor_doc.aspx: acessado dia 13/10/2020

documentos psicológicos. A escrita da nova resolução evidencia a diferença de cada um dos documentos redigidos pelos psicólogos, sobretudo a diferença entre laudo e relatório.

O laudo é proveniente de uma avaliação psicológica, enquanto o relatório é um documento derivado do atendimento psicológico e, portanto, não tem como fim apresentar um diagnóstico. Outra diferença desta Resolução é a possibilidade da escrita de documentos multiprofissionais, como no caso do relatório multiprofissional.

O relatório multiprofissional consiste em um documento que, assumindo as mesmas características do relatório psicológico, nos termos do artigo 11, é produzido quando os psicólogos atuam em contexto em que há uma demanda multiprofissional, ocasião em que o relatório pode ser produzido em conjunto com outros profissionais, havendo consenso e ausência de impedimentos ético-profissionais¹⁰.

A partir dessa compreensão entende-se que a finalidade do relatório psicológico será a de apresentar os procedimentos e conclusões gerados pelo processo da avaliação psicológica, relatando sobre o encaminhamento, as intervenções, o diagnóstico, o prognóstico e evolução do caso, orientação e sugestão de projeto terapêutico, bem como, caso necessário, solicitação de acompanhamento psicológico, limitando-se a fornecer somente as informações necessárias relacionadas à demanda, solicitação ou petição.

Por sua vez, temos o laudo clínico instrumento que permite um registro multidisciplinar acerca do sujeito, que do ponto de vista legal, trata-se de

um registro emitido por especialista ou uma equipe multidisciplinar (formada por médicos, fonoaudiólogos, psiquiatras, psicólogos e psicopedagogos) que descreve o método de diagnóstico, as alterações observadas no paciente e a conclusão – geralmente, algum transtorno ou deficiência da pessoa examinada. (Revista do Gestor Escolar¹¹, 2018).

Entendendo um pouco mais o que deficiência ou crianças com necessidades especiais nos reportamos ao Decreto Federal 3.298, de 20 de dezembro de 1999, alterado pelo Decreto 5.296, de 02 de dezembro de 2004, que especifica quem são as pessoas com deficiência e em que categoria cada uma se enquadra:

- Deficiência Física – alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro,

¹⁰ Disponível em: <https://blog.cicloceap.com.br/nova-resolucao-evidencia-a-diferenca-entre-laudo-e-relatorio-psicologico>

¹¹ Disponível em: <https://direcionalescolas.com.br/inclusao-escolar-sem-laudo-e-direito-da-crianca/>

paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções;

- Deficiência Auditiva – perda bilateral, parcial ou total, de 41 dB ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz;
- Deficiência Visual – cegueira, na qual a acuidade visual seja igual ou menor do que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,5 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor do que 60°; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores;
- Deficiência Mental – funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos 18 anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como:
 - ✚ Comunicação;
 - ✚ Cuidado pessoal;
 - ✚ Habilidades sociais;
 - ✚ Utilização da comunidade;
 - ✚ Utilização dos recursos da comunidade;
 - ✚ Saúde e segurança;
 - ✚ Habilidades acadêmicas;
 - ✚ Lazer
 - ✚ Trabalho
 - ✚ Deficiência Múltipla – associação de duas ou mais deficiências.¹²

Para que possamos compreender a questão da inclusão sob a ótica da legislação é necessário nos atermos em alguns documentos que versam sobre o tema, embora seja importante explicitar que existe uma determinação que acaba trazendo margens para diferentes interpretações o que causa um desconforto, e por não dizer falta de entendimento sobre o comportamento que a escola deve seguir quando se trata especificamente dessa NOTA TÉCNICA Nº 04/2014/MEC/SECADI/DPEE de 23 de janeiro de 2014 que assevera em seu texto

“... Não se pode considerar imprescindível à apresentação de laudo médico (diagnóstico clínico) por parte do aluno com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação, uma vez que o AEE se caracteriza por atendimento pedagógico e não clínico...”.

¹²Disponível em: <http://www.ibdd.org.br/direitos-basicos-saude.asp>? Acessado dia 13/10/2020

Se a Nota Técnica afirma a necessidade preeminente de um laudo médico para que aconteça o atendimento dos(as) alunos(as) em salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), como nessa mesma nota explicita que o atendimento nesse espaço é pedagógico, e não clínico. Nesse sentido compreende-se que a necessidade do laudo nos parece algo que não está em consonância com a referida Nota Técnica haja vista que quando se fala em laudo trata-se especificamente da apresentação clínica de um paciente.

Outro ponto a ser considerado é a Resolução SE/SP 68, de 13 de dezembro de 1968, por sua vez, dispõe sobre o atendimento educacional aos estudantes, público-alvo da Educação Especial, na rede estadual de ensino e determina, em seu art. 5º inciso II que:

- I. Os pedidos de autorização para oferta de Atendimento Educacional Especializado - AEE, sob a forma de Sala de Recursos ou na modalidade itinerante, deverão comprovar a existência da demanda, a ser instruídos com:
- II. Laudo médico, no caso de deficiências auditiva/surdez, física, visual, surdocegueira, transtorno do Espectro Autista e deficiência múltipla e múltipla sensorial.

Outra vez fica evidente que existe a necessidade do laudo psicológico para que essas crianças que apresentem dificuldades e/ou deficiências possam ser atendidas nas salas de AEE. Dessa forma, entende-se que o laudo psicológico não está atrelado especificamente sobre a situação clínica do(a) aluno(a), o mesmo acaba sendo utilizado como instrumento para que a criança possa ser aceita, ou seja, uma condição para o atendimento junto as salas de Atendimento Educacional Especializado.

É importante ressaltar que nesse contexto “... uma vez que o AEE caracteriza-se por atendimento pedagógico e não clínico...” tal informação traz conflito haja vista que ao afirmar que o trabalho que é realizado no AEE é pedagógico, em que pese tal fato qual a necessidade do laudo nesse caso.

Dessa forma é importante que se afirme a necessidade de um envolvimento de vários profissionais de diferentes áreas para que se possa encontrar um equilíbrio e um melhor atendimento para as crianças que apresentam dificuldades e/ou deficiências, e aqui se pode elencar estes: família, comunidade, professores(as) e profissionais da saúde precisam estar imbuídos dessa tarefa. É necessário ressaltar que essa relação entre professores(as) e psicopedagogos existe de maneira não tão estreita, tendo em vista que a princípio para que o aluno (a) possa ser atendido pelo profissional em questão o(a) docente precisa encaminhar um relatório explicando a situação do aluno, suas dificuldades e seu comportamento em sala de aula. Sobre essa questão, Erasmo Barbante Casella, chefe da Unidade de Neurologia do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas de São Paulo, diz que: “O melhor seria que médicos,

psicólogos e fonoaudiólogos mantivessem com os professores um diálogo próximo e constante. Mas são raras as visitas à escola. Então, o médico precisa fazer um acompanhamento à distância e contar com a família¹³.”

Em detrimento dessa falta de entendimento entre esses(as) profissionais que também começa pelas leis que não contemplam esse atendimento de maneira mais enfática faz com que muitos professores(as) não saibam como se comportar diante dos problemas que surge. Por sua vez, e a escola onde esse profissional atua também não encontra respaldo legal para equacionar esses problemas fazendo com que as crianças sejam as mais prejudicadas nesse desafio de uma escola inclusiva, que oportunize a todos de forma igual, óbvio respeitando as especificidades de cada caso, assim

A educação inclusiva deve ser entendida como uma tentativa a mais de atender as dificuldades de aprendizagem de qualquer aluno no sistema educacional e com um meio de assegurar que os alunos, que apresentam alguma deficiência, tenham os mesmos direitos que os outros, ou seja, os mesmos direitos dos seus colegas escolarizados em uma escola regular. (MANTOAN, 2003, p. 97).

Para Maria da Paz Castro, consultora de inclusão com larga experiência em sala de aula, lembra-se de situações vividas: "Já vi pedirem para colocar cobertores pesados sobre uma criança com síndrome de Down, para segurá-la no chão", conta a docente¹⁴. Tal relato nos deixa pasma, mas em hipótese alguma foge à realidade de muitos(as) professores(as). É angustiante perceber que ainda hoje existem muitos desses(as) docentes nessa situação tendo em vista que não sabem como agir com relação a essas crianças. Diante desse quadro é importante pedir ajuda conversar com profissionais que conhecem o assunto, e mais ainda, buscar a parceria com os pais. Isso porque são questões que a escola e o professor não podem resolver de forma isolada devido à complexidade dos casos que surgem. E com a ajuda de profissionais que sabem como lidar com o quadro de cada criança será possível encontrar um denominador que possa solucionar a problemática, porque lidar com essas crianças que apresentam algum tipo de dificuldade e/ou deficiência precisa muito mais que uma dose de amor, o conhecimento não pode ser desprezado.

Ressalta-se, no entanto que ao ser apresentado ao professor à situação clínica do(a) aluno(a) não significa que está solucionado seu problema no que tange seu processo de aprendizagem. Este tão somente informará ao(a) professor(a) quais as condições clínicas que o

¹³ PEDRO. Wellington Soares, Annunciato e Patrick Cassimiro. Por trás do laudo existe um aluno. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/9002/por-tras-do-laudo-existe-um-aluno>. Acessado dia 09/10/2020

¹⁴ PEDRO. Wellington Soares, Annunciato e Patrick Cassimiro. Por trás do laudo existe um aluno. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/9002/por-tras-do-laudo-existe-um-aluno>. Acessado dia 09/10/2020

aluno (a) se encontra, contribuindo para entender o comportamento do(a) mesmo(a) em sala de aula e suas dificuldades, favorecendo a criação de estratégias que corroborem para o seu processo de inclusão na sala de aula. Considerando que incluir é muito mais que efetivar a matrícula do(a) aluno(a) na escola, mas oferecer condições para que este(a) possa desenvolver suas habilidades e competências. Nesse sentido cabe ao(a) docente elaborar metodologias que vão de encontro a essas necessidades não se furtando em entender que será necessário um olhar especial sobre o aluno(a) que apresenta alguma dificuldade e/ou transtorno. Isso porque

[...] é preciso conhecer o sujeito em sua singularidade e avaliamos todas as suas potencialidades, levando em consideração não só o indivíduo com o funcionamento intelectual limitado, mas também a interação que ele estabelece com o seu ambiente e ainda os suportes ou apoios que o mesmo oferece a esta pessoa. (FERREIRA & CRUZ, 2005, p. 49).

Corroborando com esse pensamento Raquel Paganelli Antuna (2018) em seu artigo “O papel da escola quando há hipótese de diagnóstico de deficiência” afirma que: “A¹⁵ educação inclusiva pressupõe o reconhecimento e a valorização das diferenças. Ou seja, cada um tem o direito de ser como é”. Nesse sentido, aspectos relativos ao diagnóstico dos(as) estudantes, assim como qualquer outra de suas características, não podem ser neutralizados ou negados. Conhecê-los pode ajudar os(as) educadores(as) a identificar os apoios necessários para que o(a) aluno(a) participe plenamente e em igualdade de condições da vida escolar. Além disso, ter um laudo é direito do(a) estudante, isso porque a Lei Brasileira de Inclusão (LBI, 2015) garante “oferta de rede de serviços articulados, com atuação intersetorial, para atender às necessidades específicas da pessoa com deficiência”, assegurando, especificamente, diagnóstica e atendimento clínico.

Apesar de toda essa polêmica o laudo não se apresenta como uma resposta para solucionar a problemática do processo de aprendizagem do(a) aluno(a) haja vista que o/a professor(a) apesar de reconhecer o documento, e posterior, compreender as dificuldades do mesmo não se sente preparado para resolver essa situação. O que é importante salientar que é papel do professor a tarefa de educar o aluno(a) contribuir para seu processo de formação integral. O(a) professor(a) precisa entender que cada aluno(a) é um ser único, com necessidades diferentes e em detrimento disso é fundamental que este busque encontrar um caminho que favoreça sua aprendizagem. É necessário afirmar que não existe uma fórmula mágica que contemple a todos os(as) alunos(as) e somente o acompanhamento individual e com a parceria

¹⁵Disponível em: <https://diversa.org.br/artigos/o-papel-da-escola-quando-ha-hipotese-de-diagnostico-de-deficiencia/>: Acesso: dia 01/05/2020.

da família será possível alcançar ou proporcionar a estes a oportunidade de adquirir conhecimentos respeitando suas limitações.

É possível perceber que atualmente existem várias possibilidades para que o(a) aluno(a) seja capaz de apreender alguns conteúdos. O que é fundamental nesses casos é que a escola conheça as particularidades de cada um, usando recursos que sejam estimuladores e favoreça dessa forma o despertar do(a) aluno(a). Sobre essa temática Heloísa de Oliveira Macedo, pesquisadora do grupo de Pesquisa, Pensamento e Linguagem da Faculdade de Educação da Unicamp e membro do Conselho de Fonoaudiologia da 2ª região de São Paulo explica: “O laudo não deve ser usado para o professor facilitar as coisas para o estudante. Isso não vai ajudá-lo”¹⁶. Na realidade saber que o aluno(a) é laudado (a) contribui para que o professor possa se preparar e dessa forma criar condições que favoreçam para a realização das atividades elaboradas pelo educador levando em consideração suas necessidades.

Mas vale ressaltar que obter um laudo psicológico sobre sua deficiência é um direito inquestionável. Ele é o documento de valor jurídico que comprova formalmente sua deficiência.

A legislação que garante os direitos da pessoa com deficiência determina a apresentação do laudo psicológico para comprovação da deficiência e garantia de direitos. O laudo psicológico deverá conter a descrição da deficiência e o Código Internacional de Doenças (CID) correspondente à condição que caracteriza a deficiência. O CID não deve referenciar-se à causa, e sim à sequela, por exemplo, deve referir-se à amputação e não à neoplasia que originou, à cegueira e não à diabetes que a originou. O laudo médico deverá ser emitido pela rede pública de saúde ou conveniada ao Sistema Único de Saúde (SUS).

De posse dessas questões até aqui exposta é que nos interessa pesquisar de modo a entender/conhecer quais as ações/estratégias desenvolvidas pela escola, diga-se, gestores (as) e professores (as) no que se refere à inserção de escolares com deficiência?

¹⁶FLACH. Tânia. Disponível em:<https://taniaandreaflach.blogspot.com/2017/10/laudo-o-que-e-e-para-que-serve.html>

4- METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Escola de Ensino Fundamental Antonio Correia de Castro no município de Acarape (CE).

Como dito anteriormente o objetivo geral desse trabalho científico é entender/conhecer quais as ações/estratégias desenvolvidas pela escola, diga-se gestores (as) e professores (as), no que se refere a inserção de escolares com deficiência. De modo que primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica e qualitativa para um maior embasamento teórico, por meio da leitura de livros, dissertações e artigos de periódicos sobre o tema relacionado à temática do laudo psicológico junto às crianças com necessidades educacionais especiais. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 31), a pesquisa qualitativa “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc.”.

Corroborando com o pensamento de Gerhardt e Silveira (2009) a presente pesquisa norteará a pesquisadora acerca da realidade presente no ambiente pesquisado, ou seja, a Escola Antonio Correia de Castro na localidade de Carro Atolado, município de Acarape. Ressaltando dessa forma a pesquisa possibilitará uma análise mais apropriada da realidade das crianças com necessidades educacionais especiais e seus laudos no âmbito da instituição. A pesquisa realizada na Escola de Ensino Fundamental Antonio Correia de Castro no município de Acarape (CE).

Logo em seguida, realizou-se uma entrevista estruturada com a diretora da Escola Antônio Correia de Castro, a coordenadora pedagógica, e 03 (três) professores (as) que atuam na escola com o propósito de obter informações sobre como é desenvolvido as práticas de inclusão social e como esses(as) alunos(as) são percebidos no âmbito da instituição. Em um terceiro momento foi elaborado um questionário contendo 39 questões tendo perguntas relacionadas a aspectos educacionais, que envolvem a clientela pesquisada, ou seja, crianças laudadas. A aplicação do questionário foi realizada através da plataforma Google Docs.¹⁷

Como coleta de dados, utilizou-se, a princípio, um questionário direcionado a 03 (três) professores(as) que atuam na instituição, a diretora geral, a coordenadora pedagógica da

¹⁷ O **Google Docs** é um pacote de aplicativos do Google. Ele permite aos usuários criar e editar documentos online ao mesmo tempo colaborando em tempo real com outros usuários. Google Docs combina as características de Writely e Spreadsheets com um programa de apresentação incorporando tecnologia projetada por Sistemas Tonic. Armazenamento de dados de arquivos de até 1 GB no total de tamanho foi introduzido em 13 de janeiro de 2011, os documentos criados no Google Docs não contam para este contingente.

mesma. Optou-se por realizar a pesquisa na referida escola tendo em vista que a pesquisadora atua na mesma e acompanha de perto o desenvolvimento do trabalho que vem sendo realizado na mesma no que tange o processo de inclusão e o laudo psicológico. A turma pesquisada foi a turma do 2º ano do ensino fundamental, considerando que a mesma é uma turma que é avaliada anualmente e serve de parâmetro para verificação do nível de aprendizagem das crianças. Já em relação ao número de participantes, acordou-se com a direção da escola e foi feita a escolha por profissionais que tinham alunos(as) em condições aqui especificadas no trabalho.

5 A ESCOLA PESQUISADA

Essa pesquisa foi realizada junto à escola Antônio Correia de Castro, localizada em Carro Atolado, no município de Acarape (CE). A mesma está situada na zona rural, possui uma estrutura física que não condiz com um espaço escolar, haja vista que a mesma não possui estrutura que contemple um espaço aprazível para o ensino. Vale ressaltar que antes da escola funcionar o local atual era uma residência que vem sendo adequado ano após ano para poder comportar sua clientela. Apesar das tentativas é importante salientar que ainda existe muito a ser melhorada, pois além de não se tratar de um local ideal para as crianças, tendo em vista que não existe espaço para recreação, as salas são pequenas, pouco ventiladas, não oferecem qualquer conforto os(as) escolares. Embora as reformas aconteçam tentando minimizar a falta de uma estrutura adequada existe ainda um longo caminho a percorrer.

A escola oferece da Educação infantil ao Ensino Fundamental, além dessa modalidade a escola é pioneira no ensino bilíngue, um projeto pioneiro do citado município que já acontece há cerca de 3 (três) anos na instituição, o que tem contribuído para atrair crianças para atividades extracurriculares no contra turno da escola. Através desse projeto a escola conta com um coral onde atuam cerca de 20 crianças que fazem apresentações dentro da cidade nos mais diferentes eventos e que tem contribuído para elevar a autoestima dos(as) mesmos(as) e despertando nestes talentos até então desconhecidos.

Atualmente a escola tem 260 discentes distribuídos em dois turnos a escola atende da educação infantil ao ensino fundamental o que equivale a 13 turmas, existem 120 alunos do sexo masculino e 140 alunas do feminino. Quanto aos profissionais que faz parte da instituição são 32 sendo 17 professores onde 70% são contratados através de processo seletivo, em sua grande maioria ainda cursando a faculdade de pedagogia e outros se graduando em áreas específicas como: matemática, língua portuguesa, história e geografia. 30% são professores efetivos que ocupam vagas com cargas horárias reduzidas pelo tempo de serviço já prestado, e alguns já a espera da sonhada aposentadoria. A instituição conta ainda com outros profissionais tais como: auxiliares administrativos, técnicos com formação específica para a área secretariado escolar e gestão escolar, com formação superior em pedagogia e gestão escolar. Além de contar com o Atendimento Educacional Especializado.

Quanto ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola foi observado que o mesmo apesar de estar bem organizado em suas dimensões pedagógicas, administrativas e financeiras. Mas por atuar na instituição e ter tido a oportunidade de acompanhar a construção do PPP ficou

bastante evidente que existe uma distância entre a teoria e a prática haja vista que de maneira externa já se percebe o desencontro das informações. A escola não pode dispor de um instrumento fictício ou por mera necessidade de um documento para balizar as ações da mesma, o mesmo precisa ser construído contemplando os diferentes segmentos da comunidade escolar e que tenha como foco não só a democratização do ensino como também que este contemple a sociedade civil estando atento para suas necessidades e essa parceria possa favorecer uma participação mais efetiva de todos que compõe a instituição escolar.

Durante o ano de 2018 a escola começou a perceber a mudança na clientela que vinha recebendo, estudantes oriundos de outros municípios, crianças que ainda não tinha começado sua vida escolar, mas já rotuladas como incapazes. Rótulo esse já trazido de casa e que por motivos diversos algumas famílias se negavam a trazer para a escola por medo do preconceito, por não querer expor os(as) filhos(as) e principalmente por achar que a escola não tinha capacidade para compreender as dificuldades de seus/suas escolares, haja vista que nem os próprios pais/mães e/ou responsáveis se sentiam preparados para o desafio. Estamos aqui falando especificamente sobre as estudantes que se encontram laudadas(os) como alunos deficientes.

6- A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Como dito anteriormente, essa pesquisa foi realizada na escola Antônio Correia de Castro no município de Acarape. Através da ferramenta Google Docs foi enviado um questionário com 39 questões para 03 professoras, a diretora escolar e a coordenadora pedagógica.

Dentre os(as) professores(as) entrevistados(as) todos(as) tem formação superior em pedagogia, já atuam como docente, sendo que esse(as) tem entre 05 (cinco) e 10 (dez) anos. São professoras que passaram por experiências com crianças com necessidades educacionais especiais, algumas já possuidoras de laudo clínico e que recebem há algum tempo tratamento com diversos especialistas. É importante ressaltar que dentre as especialidades encontradas na escola existe a predominância de crianças com síndrome de Dow, autismo, hiperatividade.

Com relação ao perfil dos(as) entrevistados(as) apesar da experiência docente, efetivamente não se sentem à vontade para lidar com essa demanda. A chegada de crianças com necessidades especiais na escola acaba trazendo certo desconforto haja vista que em algumas salas específicas que são avaliadas nacionalmente os(as) professores(as) ficam reticentes e busca a qualquer custo justificar a incapacidade da criança através de um laudo que justifica e ao mesmo tempo parece abonar sua incapacidade de realizar a prova.

A escola apesar de contar com uma sala de AEE e a professora fazer o atendimento pedagógico a essas crianças normalmente no contraturno de suas, as professoras constroem se queixam de não saber como avaliar essas crianças e/ou como conduzir a aprendizagem da mesma em sala de aula. Enfim, as dificuldades são grandes e a falta de apoio também. Parece um círculo vicioso onde a responsabilidade vai sendo sempre transferida para outra pessoa, menos para o(a) professor(a) da sala regular que tem uma criança nessas condições específicas.

Fala-se muito em formação docente, em apoio da coordenação e também do professor do AEE, mas na realidade o que se espera é que não seja necessária a permanência desta criança na sala de aula regular. Isso porque alguns docentes argumentam já tem trabalho demais com os ditos 'normais' e assim a questão da inclusão acaba por contribuir para a segregação dessas crianças que apesar de estarem em salas regulares comuns com outras crianças ficam entregues ao pré conceito, onde as vezes um livro ou uma folha e um lápis pode ser suficiente para que esta não atrapalhe a aula do(a) professor(a).

Os instrumentos utilizados para a pesquisa constaram de questionários que buscaram diagnosticar a situação em pesquisas *google docs* para traçar a realidade vigente e

confrontar com os critérios pré-determinados em legislação vigente buscando uma aproximação do real com o desejável

A pesquisa bibliográfica de forma paulatina, pois a média que lemos e informe sobre assunto forem fichados a partir dos livros encontrados e revistas especializadas, conforme:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realizam a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. utiliza-se de dados ou de categorias teórico já trabalhado por outros pesquisadores e devidamente registro. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2010, p.122).

A abordagem da pesquisa foi qualitativa para respaldar a formulação matemática que se expressa numa relação quantitativa, enquanto o mundo físico é paradigmático, enquanto o mundo humano por ter como objeto o natural, escapa a aspectos importante e experimental-matemático ineficaz por não atender a condição específica do sujeito.

Para a linguagem acadêmica pesquisa quantitativa ou qualitativa, metodologia quantitativa ou qualitativa constituem derivações de diversas referências epistemológicas, de acordo com Severino diz: [...] são várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas. (SEVERINO, 2010, p. 119).

Após a pesquisa bibliográfica partiu-se para a parte de campo através de um estudo de caso, que foi realizado na Escola Antônio Correia de Castro via ferramenta *Google docs*. A ferramenta foi discutida com a orientadora, posterior foi conversado com as entrevistadas. O formulário foi enviado por e-mail para as participantes pela pesquisadora. O estudo de caso é o estudo de um caso, seja ele simples e específico, ou complexo e abstrato. O estudo de caso, quando qualitativo, se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada (LUDKE; ANDRE, 1986).

7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O artigo 208 Constituição Federal, § 1º reza que “O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público e subjetivo”. Ainda no artigo 208 descreve que o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, deve ser preferencialmente na rede regular de ensino.

De acordo com a pesquisa e as falas das entrevistadas sobre a recepção dos(as) alunos(as) na escola, se estes são bem recebidos ou não, obtivemos as seguintes respostas.

- Concordo parcialmente, pois falta estrutura adequada para receber essas pessoas especiais. (entrevistado 1)
- Não, pois nem todos sentem o prazer em participar. (entrevistado 2)
- Não, pois nem todos participam. (entrevistado 3)
- Na medida do possível tendo em vista as limitações da própria instituição. Mas com relação ao contexto humano é possível. (entrevistado 4)
- Sim. A escola busca fazer o melhor para sua clientela. (entrevistado 5)

Das respostas obtidas foi possível concluir que 40% dos(as) entrevistados(as) percebem que os(as) alunos(as) não tem a recepção que deveriam possuir, pois a não participação destes(as) nos eventos ou até mesmos nas atividades em sala fica evidente que estes não se sentem à vontade na escola. Já 40% concordam parcialmente e apenas 20% afirma que a escola faz o que está ao seu alcance. Nesse sentido a partir das falas concordamos que não é uma unanimidade com relação às práticas desenvolvidas pela instituição no que tange ao acolhimento das crianças especiais na escola. Ou seja, as mesmas não estão preparadas para trabalhar as novas práticas que foram condicionadas pela LDB nº 9.394/96 e as outras leis que determinam a inclusão de crianças com necessidades especiais em salas regulares.

Com relação a comportamento dos(as) escolares e sua interação a percepção dos(as) informantes deixou transparecer que os(as) estudantes se dão bem, mas que conflitos existem, o que é normal considerando que se trata de relações humanas e estas são marcadas por conflitos, mas no geral há um bom entendimento entre esses/as.

- Concordo plenamente. As experiências vividas fazem com que percebamos que eles se ajudam mutuamente. (entrevistado 1)
- Sim, sempre há aqueles alunos que tem o interesse em ajudar os outros colegas (entrevistado 2)
- Sim, pois tem alunos que gostam de ajudar os colegas. (entrevistado 3)
- Percebemos isso no fundamental I, são crianças pequenas e as mesmas se protegem. Na hora de um problema todos se comovem. (entrevistado 4)
- Sim. As crianças normalmente são amigas e isso ajuda nas atividades dentro de sala, algumas ajudam muito aqueles que tem mais dificuldade. (entrevistado 5)

No questionamento que envolveu a interação dos(as) estudantes entre si - 100% dos(as) entrevistados(as) afirmaram que sim, existe um bom relacionamento entre ambos. Alguns conflitos quando existem são facilmente solucionados, pois não se trata de algo que agrave ou preocupe o bom relacionamento entre estes(as). Nesse caso podemos afirmar que a escola consegue manter o equilíbrio de interação entre as crianças sem violência ou conflitos que comprometa os relacionamentos.

Sobre os relacionamentos dos(as) docentes ao ser questionado o nível de colaboração entre estes obtivemos as respostas a seguir:

- Concordo parcialmente porque os professores tem suas próprias atribuições e o que impede de um maior envolvimento com os outros colegas. (entrevistado 1)
- Não, pois nem todos conseguem ter um bom relacionamento. (entrevistado 2)
- Não, pois tem profissionais que não se dão bem. (entrevistado 3)
- Nem sempre. O ego fala mais alto. Principalmente a nova geração, tendo em vista que são profissionais em início de formação e todos querem mostrar trabalho diferenciado. (entrevistado 4)
- Não. Ainda se percebe uma disputa de ego entre os mais jovens, enquanto os mais antigos da escola procuram colaborar mais uns com os outros. (entrevistado 5)

Especificamente a pesquisa mostrou que 60% dos(as) entrevistados(as) responderam que não, enquanto 40% concordam parcialmente que eles/elas de alguma maneira buscam se relacionar. A relação entre os(as) docentes deve acontecer de maneira cordial, tendo em vista que um bom relacionamento interpessoal entre estes é muito importante para o bom funcionamento da instituição e isso também pode afetar o comportamento dos alunos(as) se tal situação fica bastante visível a todos. Não se pode trabalhar principalmente dentro de uma instituição escolar sem respeito, tolerância e principalmente a união de todos tendo em vista que a escola não caminha só depende de todos que a compõem.

Quanto ao relacionamento professor x aluno foi questionado se estes se tratam com respeito. Assim os(as) informantes responderam:

- Concordo plenamente. Há uma boa interação entre ambos (entrevistado 1)
- Sim. Mesmo tendo uma amizade com liberdade sempre há limites. (entrevistado 2)
- Sim, pois todos tem um bom relacionamento. (entrevistado 3)

- Às vezes, mas é importante ressaltar que por alguns professores serem muitos jovens acabam acontecendo confronto. É necessário que haja uma maior maturidade por parte dos professores. (entrevistado 4)
- Apesar de muitos professores jovens e isso as vezes afeta a relação principalmente no fundamental II existe uma boa relação. (entrevistado 5)

Ficou evidente de acordo com as falas dos(as) entrevistados(as) que existe um bom relacionamento entre escolares e docentes, tendo em vista que 90% dos entrevistados(as) afirmaram que sim, enquanto 10% embora não discordem totalmente acredita que a pouca idade dos(as) docentes contribui para que exista algum conflito entre estes, sem grandes proporções,

é claro. Mas de maneira geral o vínculo entre professores(as) e alunos(as) é muito bom o que corrobora para a aprendizagem dos(as) aluno(as), assim como também como o fortalecimento dos laços de amizade entre estes o que é muito importante para ambos.

Sobre a parceria entre professores(as) e pais como se apresenta essa relação na escola? Se ambos conseguem manter um relacionamento de cordialidade. Obtivemos as seguintes respostas.

- Concordo plenamente. Os pais são presentes e preocupados com a educação dos filhos. (entrevistado 1)
- Não. Ainda há alguns pais que pensam que é responsabilidade só da escola o processo de educação e ensino/aprendizagem. (entrevistado 2)
- Não, pois infelizmente ainda existem pais que não colaboram com o processo de educação e ensino aprendizagem, achando que o processo de aprendizagem é responsabilidade só da escola. (entrevistado 3)
- A relação com a escola sempre é muito difícil. Porque existe uma clara percepção de que os pais acreditam que é apenas a escola que tem essa incumbência de educar e formar. E assim sempre esse conflito precisa ser trabalhado continuamente. (entrevistado 4)
- Não. Os pais as vezes só aparecem na escola quando são solicitados. Mas ainda tem aqueles que acompanham todos os trabalhos da escola. (entrevistado 5)

A relação dos pais com os(as) professores(as) é muito importante haja vista que o professor lida diretamente com os alunos/filhos e nesse sentido manter uma relação harmônica, respeitosa entre professores e pais. De acordo com os(as) entrevistados(as) 80% não mantém uma boa relação, enquanto 20% afirmam que sim. Embora seja importante ressaltar que não é uma relação de animosidade, apenas existe uma compreensão por parte dos(as) entrevistados(as) que deveria haver uma relação mais próxima não apenas convocar os pais quando de alguma indisciplina dos(as) estudantes e os pais no mesmo sentido. Precisa acompanhar mais de perto acompanhar o processo de aprendizagem do(as) escolar.

Quanto à relação de profissionais que trabalham na instituição e os gestores da escola.

- Concordo plenamente. Sim. há uma estreita relação entre estes. (entrevistado 1)
- Nem sempre, pois com uma grande quantidade de funcionários (opiniões) sempre vai haver resistência na aceitação de propostas. (entrevistado 2)
- Não, pois na maioria das vezes os funcionários tem opiniões diferentes, o que leva muitas vezes a divergências e resistências. (entrevistado 3)
- Nem sempre. Pela própria hierarquia existe uma dificuldade de lidar com pessoas. (entrevistado 4)
- Nem sempre. Às vezes acontecem discordância. Mas como toda relação é superável considerando que a hierarquia dentro de qualquer instituição precisa ser respeitada. (entrevistado 5)

De acordo com os entrevistados 80% não mantém uma boa relação, enquanto 20% afirmam que sim. Embora a maioria dos(as) entrevistados(as) tenham afirmado que as relações não são muito amistosas conferem tal fato a própria condição das relação humanas que são

passíveis de conflitos e no caso específico onde a hierarquia precisa ser respeitada e muitas vezes conflitos externos vão contribuindo para que haja uma má comunicação quando são apresentadas algumas medidas que precisam existir dentro da escola para que sejam preservadas decisões importantes para o bom andamento da gestão.

Na pergunta se existe uma boa relação entre a comunidade local e se há uma parceria entre ambas, os(as) informantes responderam da seguinte forma:

- Concordo plenamente. Todos participam ativamente. (entrevistado 1)
- Sim. Mas vejo que é uma pequena maioria, para um melhor desenvolvimento é necessária uma parceria mais forte entre escola/comunidade. (entrevistado 2)
- Sim, mesmo que sendo uma minoria. (entrevistado 3)
- Existe um envolvimento sim quando a escola solicita. Mas é preciso que essa relação se torne mais estreita. (entrevistado 4)
- Quando é solicitada não se furta em participar. Mas talvez falte esse sentido de parceria dessa forma o trabalho ficaria menos oneroso para a escola. (entrevistado 5)

Nas respostas dos(as) entrevistados(as) 100% das respostas afirmam que sim embora haja uma boa relação, não existe a parceria necessária para que os problemas que fazem parte do dia a dia de uma instituição escolar possam ser compartilhados a não ser que a escola busque essa parceria. Foi percebido que a relação parece uma via de mão única, pois se a escola não chama os pais não participam e isso a instituição perde tendo em vista que a cobrança quanto ao papel da escola é muito maior hoje, como se somente a escola tivesse a responsabilidade sobre a educação e formação da criança.

Perguntado aos(as) entrevistados(as) se existem altas expectativas relativas a todos os(as) alunos(as).

- Concordo parcialmente. poucas perspectivas. A realidade do meio em que estes vivem acaba refletindo nas expectativas dos mesmos. (entrevistado 1)
- Concordo. Pois há alunos que expressam um grande interesse e possuem uma visão futura surpreendente. Por outro lado, há alunos que não tem foco e nem interesse. (entrevistado 2)
- Alguns apresentam bastante interesse e participação, já outros apresentam pouco interesse. (entrevistado 3)
- Trabalhamos para isso. Mas é importante ressaltar que o meio onde os mesmos estão inseridos não contribui. A escola sozinha não pode fazer sua parte sem que a família se envolva. (entrevistado 4)
- Dentro da comunidade em que a escola está inserida são crianças oriundas de famílias que apresentam muitas dificuldades tanto nos aspectos de relacionamento dentro de casa, e isso acaba resvalando no processo de aprendizagem da criança que muitas vezes se sente desmotivado. (entrevistado 5)

De acordo com os(as) entrevistados(as) 80% apresentam expectativas, enquanto 20% afirmam que não. Mas apesar da grande maioria concordar com essas expectativas existe em cada afirmação positiva uma referência ao meio onde o(a) aluno(a) está inserido e em detrimento disso a motivação e o interesse dos alunos decrescem significativamente tendo em

vista que os mesmos não percebem dentro de sua comunidade ou até mesmo na sua família pessoas que conseguiram concluir seus estudos e posterior entrar no mercado de trabalho através dos estudos, todos esses fatores agregados se apresentam como um fator negativo para os mesmos. Mas existem também aqueles(as) alunos(as) que conseguem superar qualquer desafio e/barreira para conseguir concluir sua formação e sonhar com melhores oportunidades que não foi percebida por eles na família.

Com relação a inclusão foi questionado sobre o comportamento dos(as) profissionais, alunos(as), pais/encarregados de educação, se estes partilham dessa filosofia de inclusão.

- Concordo plenamente porque se percebe o interesse dos mesmos. (entrevistado 1)
- Não. Ainda há pessoas que tem um grande preconceito em relação a crianças com deficiências. (entrevistado 2)
- Não, pois ainda existem pessoas que não respeitam as diferenças e são preconceituosas em relação as pessoas com deficiências e necessidades especiais. (entrevistado 3)
- Ainda é muito novo a questão da inclusão na escola tendo em vista que os casos apesar de serem um número expressivo para a quantidade de alunos na escola, não existem um cuidado especial, além de uma atenção específica no processo de aprendizagem. (entrevistado 4)
- Aos poucos esse sentimento vai nascendo dentro da escola. Embora ainda se perceba certa dificuldade por não saber lidar com essa clientela. (entrevistado 5)

De acordo com os entrevistados 80% compreendem a necessidade de entender a importância de contribuir no processo de inclusão, enquanto 20% afirmam que ainda existe muito a ser discutido sobre essa questão tendo em vista que alguns casos de preconceitos já visíveis.

Entendemos que no processo de inclusão das crianças na escola os resultados apontam que não existe discriminação por parte dos profissionais para com as crianças que apresentam necessidades educacionais, as mesmas são tratadas como alunos(as) “normais”, embora por muitas vezes não exista um tratamento específico para a necessidade de cada criança. Mas apesar e a despeito da falta desse conhecimento a escola busca fazer com que a criança se sinta bem na mesma.

Há um emergente consenso de que as crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devem ser incluídas nos planos educativos feitos para a maioria das crianças. Isto levou ao conceito de escola inclusiva. O desafio para uma escola inclusiva é o de desenvolver uma pedagogia capaz de educar com sucesso todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência e desvantagens severas. (SALAMANCA, 1994, p. 6).

Sobre o tratamento que os(as) estudantes recebem foi questionado se todos são igualmente valorizados.

- Concordo plenamente. não existe uma predileção por um ou outro. (entrevistado 1)

- Não, geralmente a classe econômica e o nível de aprendizagem ainda influenciam em relação e valorização do aluno. (entrevistado 2)
- Não, infelizmente as condições de classes econômicas e o nível de aprendizagem influenciam na valorização do aluno. (entrevistado 3)
- Não. percebemos por parte de todos que compõem a escola que não existe nenhum tipo de preconceito. Alguns apenas se sobressaem melhor que outros, mas isso não é motivo para discriminação. (entrevistado 4)
- Sim. Não há distinção. Apenas alguns são mais reticentes a uma aproximação mais carinhosa decorrentes da própria estrutura familiar. (entrevistado 5)

No que concerne à valorização do(a) aluno(a) obtivemos as seguintes respostas dos entrevistados, 60% afirmam não existir discriminação quanto a questão econômica ou social da criança, enquanto 40% concordam que existe sim alguns alunos que são mais privilegiados que outros. As respostas demonstram que existe algum tipo de preferência por um ou outro aluno, subentende-se que de certa forma os(as) estudantes mais aplicados(as) ou que se dedicam mais são aqueles que recebem maior atenção, e não necessariamente pela classe social. Na verdade compreende-se que a participação efetiva dos pais no acompanhamento das crianças é que se faz diferente considerando que na comunidade não existe essa disparidade de poder econômico.

Sobre a importância do “papel” de profissionais e alunos(as) no âmbito da escola. Os mesmos são tratados com respeito? Obtivemos os seguintes resultados.

- Concordo plenamente porque existe na gestão e a comunidade conseguem perceber a importância de cada um. (entrevistado 1)
- Sim, a escola só cria vida com a participação dos profissionais e alunos. (entrevistado 2)
- Sim, pois todos são tratados de forma importante e que contribuem para o crescimento da escola. (entrevistado 3)
- Sim. Cada um dentro de sua função. Procura-se manter o respeito para com todos indistintamente. (entrevistado 4)
- Sim. A escola e seus profissionais procuram trabalhar nesse sentido. (entrevistado 5)

Nessa questão percebemos que foi unânime as respostas, isso porque 100% dos(as) entrevistados(as) responderam que sim. A escola reconhece o valor de cada profissional que trabalha na instituição tendo em vista que a mesma não funciona apenas com uma gestão, mas com pessoas, que por mais diferentes que estas possam ser, cada uma exerce uma função importante dentro da escola e sem os quais a mesma não teria condições de funcionar.

Perguntado se os(as) profissionais procuram eliminar todas as barreiras à aprendizagem e à participação na escola, obtivemos os seguintes resultados:

- Concordo plenamente porque percebemos um grande esforço de todos para que a aprendizagem aconteça. (entrevistado 1)
- Sim, esse é um trabalho que está em fase de desenvolvimento onde toda a escola esteja voltada a só um objetivo a aprendizagem. (entrevistado 2)
- Sim, pois os profissionais mesmo com todas as dificuldades trabalham todos os dias com o objetivo de eliminar as barreiras da aprendizagem. (entrevistado 3)

- Eles tentam. Mas no que tange aos alunos com necessidades educacionais especiais ainda se comportam de forma como se fossem incapazes de dar a atenção adequada a esse grupo. (entrevistado 4)
- sim. Embora se possa afirmar que é mais uma questão cultural do que qualquer outro problema de relacionamento. E isso demanda tempo. (entrevistado 5)

Sobre esse questionamento as respostas também foram unânimes. Uma vez que 100% dos(as) entrevistados(as) responderam que sim. Existe um esforço para que os(as) alunos(as) possam ser bem atendidos em suas necessidades tendo em vista que começa pelo porteiro, passa por outros profissionais no ambiente escolar e esse espaço precisa se mostrar aprazível para que a criança possa se sentir à vontade e conseqüentemente a sala de aula será o espaço que vai refletir todo esse aspecto positivo dentro da instituição.

Sobre a discriminação foi perguntado se a escola se esforça por minimizar as práticas discriminatórias, foi dito que:

- Concordo plenamente. Tem procurado na medida do possível evitar atitudes preconceituosas. (entrevistado 1)
- Sim, porém vivemos em meio a uma cultura onde o preconceito predomina. (entrevistado 2)
- Sim, porém infelizmente as práticas discriminatórias é algo que faz parte do cotidiano das pessoas. (entrevistado 3)
- Não existe ou pelo menos que se percebe essa discriminação. (entrevistado 4)
- Não se percebe qualquer tipo de preconceito nesse sentido. Os alunos mantêm uma boa relação. (entrevistado 5)

Os(as) entrevistados(as) foram unânimes em responder, ou seja, 100% que não é perceptível qualquer situação de caráter discriminatório no âmbito da instituição, embora alguns concordem que o preconceito existe e de certa forma está inserido na cultura do povo. Afirmaram ainda existir uma boa relação entre todos os(as) alunos(as) e se existir alguns conflitos raramente tem caráter discriminatório, são apenas discussões banais que não requer maiores cuidados.

Questionados sobre o tratamento com os novos profissionais, se estão são ajudados a integrar-se na escola, obtivemos as seguintes respostas:

- Concordo plenamente. Todos são muito bem vindos e tanto a gestão como os profissionais antigos os abraçam com carinho. (entrevistado 1)
- Sim, desde que o mesmo seja aberto a aceitação do novo. (entrevistado 2)
- Sim, desde que o mesmo permita-se integrar. (entrevistado 3)
- A escola busca fazer o melhor para que eles se sintam bem, mas qualquer processo de interação demora um pouco para acontecer plenamente. (entrevistado 4)
- Sim. A escola tem essa prática de ser acolhedora. (entrevistado 5)

De acordo com os(as) informantes, ou seja, 100% das respostas foram afirmativas. Os(as) profissionais novatos(as) são bem recebidos e a escola se esforça para que estes se sintam

integrados ao ambiente da escola. Mas concordam qualquer que seja o processo de adaptação este leva tempo e como os(as) profissionais estão ainda no seu processo de formação superior, ainda inexperientes, precisam da ajuda dos mais experientes e nem sempre estes se sentem a vontade para pedir ajuda, mas de forma geral todos que fazem a escola buscam o melhor caminho para acompanhar os novatos e oferecer-lhes o suporte necessário a sua adaptação.

Questionados sobre a situação das matrículas na escola. Foi perguntado se a escola se esforça por admitir todos os(as) estudantes da sua localidade. Obtivemos os seguintes resultados:

- Concordo plenamente. Tendo em vista que a mesma é a única referência na localidade. (entrevistado 1)
- Sim, pois a escola visa a facilidade do acesso para o aluno de sua localidade. (entrevistado 2)
- Sim, Pois a escola tem o objetivo de facilitar o acesso do aluno a escola. (entrevistado 3)
- Sim. Não temos limites de vagas, há um cuidado especial apenas na educação infantil. Mas procuramos atender a todos que procuram a escola. (entrevistado 4)
- Sim. Não temos limites de matrículas, apenas temos cuidado com o excesso, mas não chega a tanto. Mas nunca deixamos de atender a comunidade. (entrevistado 5)

Os(as) entrevistados(as) responderam que sim, ou seja, 100%, tendo em vista que é a única escola da comunidade e de fácil acesso para os(as) alunos(as). Mas independente dessa condição a escola sempre deu prioridade aos(as) escolares de sua comunidade não havendo problemas de excessos ou falta de vagas. Respeita-se o que determina a lei e nesse sentido a escola tem o cuidado de matricular primeiro os de sua comunidade, e caso surja estudantes de outras localidades e a existência de vagas a escola não se nega a matricular qualquer estudante.

Foi perguntado aos entrevistados sobre a postura da escola quando ao uso do prédio público. A escola torna o seu edifício acessível a todas as pessoas?

- Concordo plenamente. Aberta a comunidade e suas necessidades. (entrevistado 1)
- Sim, mas por ser um ambiente educacional possui regras nas quais os visitantes devem cumprir. (entrevistado 2)
- Sim, porém de uma forma organizada e com regras por se tratar de um ambiente educacional. (entrevistado 3)
- Sim. O espaço é aberto para a comunidade, ou qualquer instituição que dela precise. (entrevistado 4)
- Sim. O prédio é acessível a todos que dele precise, para situações de caráter informativo, ou festivo da comunidade respeitando as regras vigentes. (entrevistado 5)

De modo que 100% dos(as) entrevistados(as) responderam que sim. A escola está sempre aberta para sua comunidade, respeitando as regras que determinam o uso da mesma no projeto político pedagógico da escola. A necessidade de uma maior aproximação também com

a comunidade foi também elencada como um dos fatores para essa abertura, abertura essa com responsabilidade, atentando para os cuidados com o prédio público.

Perguntado se os(as) novos(as) alunos(as) são ajudados a integrar-se. Obtivemos as seguintes respostas.

- Concordo plenamente estimula-os com atitudes positivas para que estes se sintam acolhidos. (entrevistado 1)
- Sim, logo os alunos se integram nos grupos que se identificam. (entrevistado 2)
- Sim, pois cada um se integra no grupo que lhe chama mais atenção e lhe acolhe. (entrevistado 3)
- Sim. Embora a demanda de novos alunos seja mínima. Normalmente alunos novatos acontece quando acontece o fluxo de migração para a comunidade. (entrevistado 4)
- Sim. Todo aluno novato recebe um carinho especial da escola. (entrevistado 5)

Os resultados das entrevistas apontam que 100% concordam que a escola se esforça para integrar o aluno, até mesmo os seus colegas fazem parte desse processo, haja vista que estes ao receber um colega novo ficam curiosos, felizes e querem logo fazer amizades. E todos que fazem a escola também cumprem seu papel de maneira que esses(as) alunos(as) se sintam bem acolhidos.

Foi perguntado aos entrevistados se a escola organiza os grupos/turma valorizando a diversidade

- Discordo. Não existe um trabalho específico com relação a isso. (entrevistado 1)
- Sim, mas divisão das turmas ainda não estão mescladas como deveria ser. (entrevistado 2)
- Sim, Porém as divisões de turmas ainda não está da forma necessária. (entrevistado 3)
- Não. A escola não faz essa triagem. Pela própria estrutura e até pelos números de alunos insuficiente para que isso possa acontecer. (entrevistado 4)
- Não existe essa divisão. Até porque a escola não tem estrutura. (entrevistado 5)

No que concerne a questão da diversidade, se existe um respeito a mesma, Nas falas dos entrevistados não houve um consenso o que é difícil compreender tendo em vista que a organização das salas e a adequação dos(as) escolares a mesma deve ser contemplada no projeto político pedagógico da escola. Já 60% dos(as) entrevistados(as) afirmaram que não existe essa organização por turmas, enquanto 40% afirmaram que sim, embora desconexas do que se deseja realizar na escola.

Questionadas acerca das modalidades da educação que a escola oferta se estas estão articuladas entre si:

- Concordo plenamente. Buscam encontrar um caminho para minimizar os efeitos das diferenças. (entrevistado 1)
- Não, não há a organização de planejamentos entres as modalidades para que possam trabalharem em um mesmo alinhamento. (entrevistado 2)
- Não, pois as ações e planejamentos ainda não estão de modo alinhado. (entrevistado 3)

- Não. Cada um trabalha isoladamente com a coordenadora. Só acontece uma articulação quando surge algum projeto que contemple a todos. (entrevistado 4)
- Não. Cada um busca fazer o seu trabalho. Quando existe algum projeto que exija essa articulação a mesma acontece. (entrevistado 5)

De acordo com 80% dos(as) entrevistados(as) não existe essa articulação entre as modalidades. Enquanto 20% afirmam que sim. Nesse sentido entende-se que não há um engajamento dos professores para que aconteça a articulação entre as modalidades.

Dessa forma percebe-se que é mais um complicador no processo de aprendizagem do aluno e conseqüentemente tal situação compromete as ações no âmbito da instituição, se considerarmos a necessidade de um aprendizado que envolva todas as disciplinas, pois a interdisciplinaridade é muito importante nesse processo de formação da criança.

Com relação à formação perguntou-se aos(as) entrevistados(as) se existe formação continuada, e se a mesma ajuda os(as) profissionais a responder à diversidade:

- Um pouco. Haja vista que não existe uma formação específica nessa área. Apenas para o professor do AEE. (entrevistado 1)
- Sim, as formações ajudam os profissionais a saber lidar com as diversidades. (entrevistado 2)
- Sim, as formações dão apoio ao professor. (entrevistado 3)
- Não se percebe com muita clareza os resultados das formações especificamente com relação a diversidade tendo em vista que muitos professores ainda se sentem incapazes de ver essas questões. (entrevistado 4)
- Nem sempre. Embora eles afirmam ser proveitosa, não se percebe mudanças pontuais no comportamento dos professores. (entrevistado 5)

De acordo com as respostas dos(as) entrevistados(as) - 40% concordam que a formação contribui para o trabalho do professor, e os 60% responderam de maneira dúbia, embora afirmem a importância da formação, não a relacionam diretamente para o trabalho deste na questão específica de lidar com aspectos que envolvam alunos com necessidades especiais.

Sobre a inclusão foi perguntado aos(as) entrevistados(as). As respostas às “necessidades especiais” são respostas inclusivas?

- Sim. A escola busca responder as demandas existentes. (entrevistado 1)
- Não, pois os profissionais não estão preparados para lidar com todos as “necessidades especiais” que encontram nas salas de aula. (entrevistado 2)
- Não, pois nem todo profissional está preparado para lidar com certas situações e necessidades especiais que encontramos no dia a dia em sala de aula. (entrevistado 3)
- Não. Os profissionais não se sentem preparados para lidar com essas demandas. (entrevistado 4)
- Não. Porque o professor não sabe como atuar com essa clientela, a não ser o próprio professor da sala de AEE. (entrevistado 5)

É possível constatar que 80% dos entrevistados(as) responderam que não. A escola não está preparada para atender as necessidades das crianças especiais tendo em vista que muitos professores se dizem incapazes de lidar com problemas que estes desconhecem e que não recebem uma formação específica para isso e afirmam que manter esses(as) alunos(as) nas salas regulares só contribui para que o mesmo se sinta excluído haja vista que com as salas com muitos(a) alunos(a) não tem como dar uma atenção especial a essas crianças e atribuem essa obrigação a quem trabalha na sala do AEE. 20% responderam que sim, que a escola se esforça para incluir essas crianças, mas na realidade essa inclusão está muito mais relacionada a questão da permanência destes em salas regulares do que propriamente seu desenvolvimento.

Sobre o apoio educativo, se este reduz as barreiras à aprendizagem e à participação de todos os alunos. As medidas disciplinares que recorrem à exclusão estão a decrescer?

- Sim. A coordenação busca trabalhar essas questões. (entrevistado 1)
- Sim, para um processo de aprendizagem deve ter um grau de afetividade entre os envolvidos. (entrevistado 2)
- Sim, Pois a afetividade com os envolvidos favorece no processo de ensino/aprendizagem. (entrevistado3)
- Sim. A gestão tenta fazer com que todos recebam a atenção e o cuidado necessário para promover sua aprendizagem. A disciplina é aplicada a todos indistintamente. (entrevistado 4)
- A gestão tenta minimizar os efeitos de uma possível exclusão, mas não é algo tão evidente na escola, já que o grau de alguns alunos é quase imperceptível. (entrevistado 5)

De acordo com os(as) entrevistados(as), 100% destes, afirmam que sim. O apoio da gestão é muito importante para sanar pequenos conflitos que surgem na escola, o que ao ver dos participantes da entrevista é muito normal em um ambiente como a escola. A escola é um espaço de conflitos, natural, tendo em vista que é um espaço onde se convive com diferentes saberes, assim também como histórias de vidas muitas vezes marcadas por traumas, conflitos, e é nesse espaço que as pessoas se relacionam, não se pode ousar sonhar com uma unanimidade, mas apesar e a despeito dos comportamentos diferenciados dentro da escola ainda não houve um conflito que não pudesse ser sanado, tendo em vista que como são crianças e pré-adolescentes é natural que haja algum tipo de discussão, mas não violência, apenas discussões que são resolvidas através do diálogo e mediação dos(as) gestores(as) e professores(as).

Questionado aos entrevistados sobre as aulas, se estas dão resposta à diversidade.

Obtivemos as seguintes respostas:

- Sim. Os professores elaboram atividades que contemplem esses alunos especiais. (entrevistado 1)
- Sim, mas para um melhor desenvolvimento de diversidade é realizado projetos. (entrevistado 2)

- Sim, porém é necessário todo um conjunto de atitudes que melhorem o desenvolvimento de diversidade. (entrevistado 3)
- De certa maneira. Mas acontece quando é realizado um projeto que tem abrangência dentro da escola como um todo. (entrevistado 4)
- O professor se esforça. Mas é difícil alcançar a todos. (entrevistado 5)

De acordo com 100% dos(as) entrevistados(as) sim, as aulas tem contribuído para a diversidade. Embora não seja possível dar uma atenção específica para cada aluno(a), a maioria dos(as) entrevistados(as) afirmam que tentam, fazem atividades diferenciadas. Mas somente quando existe um projeto que envolve a todos na escola é que se consegue perceber mais de perto essa situação. Enfim todos concordam que fazem a sua parte, mas nem sempre se obtém êxito.

Sobre as aulas para os(as) escolares foi questionado. As aulas são preparadas para serem acessíveis a todos os(as) alunos(as)?

- Não. Tendo em vista que na sala que existe alunos especiais as atividades devem alcançar a necessidade do aluno em questão. (entrevistado 1)
- Sim. Porém a escola não disponibiliza matérias suficientes para um bom desenvolvimento e nem sempre o professor que trabalha 200hrs possui tempo para preparar uma aula criativa. (entrevistado 2)
- Sim, mesmo sabendo das limitações de cada um. (entrevistado 3)
- Nem sempre. Sabemos que o professor prepara suas aulas com foco naqueles alunos que vão conseguir realiza-las, embora se negue esse fato fica evidente que aqueles que apresentam alguma dificuldade não conseguem acompanhar. (entrevistado 4)
- Não. É muito comum o professor preparar as aulas para aqueles alunos que sabem. (entrevistado 5)

Para os(as) entrevistados(as) 40% afirmam que sim. Que as aulas são favoráveis aos alunos com necessidades especiais, enquanto 60% afirmam que não. Ficou bastante evidente que para a grande maioria dos(as) professores(as), embora eles façam alguma atividade que contemple esses(as) alunos(as) ao que nos pareceu parece não ser responsabilidade dos mesmos tendo em vista que existe uma professora na sala de AEE e na compreensão dos mesmos a responsabilidade deveria ser dele, e não da titular onde o(a) aluno(a) está inserido.

Sobre a aprendizagem dos(as) estudantes, foi perguntado. Os(as) alunos(as) estão ativamente envolvidos na sua própria aprendizagem?

- Parcialmente. Ainda existe uma dificuldade muito grande com relação ao interesse do aluno. (entrevistado 1)
- Não. Alguns alunos não conseguem ver a importância de aprender determinado assunto para sua vida, levando o desinteresse e a falta de compromisso. (entrevistado 2)
- Não, pois alguns alunos não dão a devida valorização e importância para aprender. (entrevistado 3)

- Aqueles que tem um maior esclarecimento pelo apoio dos pais e poderem contar com aulas particulares de reforço assim como o acompanhamento pelos mesmos nas explicações dadas em sala de aula. (entrevistado 4)
- Alguns sim. Os maiores do fundamental II, mas ainda percebemos pouco interesse de outros. (entrevistado 5)

Para os(as) entrevistados(as) 40% destes acreditam que não, os(as) alunos(as) não estão preocupados com sua aprendizagem, mas advertem que a culpa não deve ser atribuída apenas ao aluno, as vezes a falta de participação dos pais no processo de aprendizagem é muito maior que a culpabilidade do(a) estudante. 60% afirmam parcialmente eles(elas) percebem o interesse do(a) aluno(a), mas ressaltam que assim como para os que acreditam que a omissão dos pais é fator determinante, nessa afirmação parcial concordam que é necessário a participação dos pais para que tal fator seja muito importante para que o(a) aluno(a) se sinta apoiado para se motivar no seu processo de aprendizagem.

Sobre os(as) escolares e sua cooperação entre ambos. Foi perguntado se estes aprendem de forma cooperativa.

- Sim. As atividades promovidas na sala corroboram para esse fim (entrevistado 1)
- Sim, os alunos que possuem uma maior habilidade norteiam os outros colegas a encontrar um resultado. (entrevistado 2)
- Sim, pois os alunos que tem uma maior facilidade de aprender, quando terminam suas atividades vão ajudar os colegas. (entrevistado 3)
- Existe essa troca é perceptível. Os alunos gostam de se ajudarem. (entrevistado 4)
- Sim. Os alunos gostam de interagir com os outros, embora exista alguns mais tímidos, mas a grande maioria existe essa troca. (entrevistado 5)

Para os(as) entrevistados(as), 100% dos mesmos, existe sim uma cooperação entre os alunos. É muito comum tendo em vista que são adolescentes e quase sempre tem os mesmos gostos, os interesses e na escola assim como fora dela não é diferente. A escola tem um papel importante nessa relação, incentivando as experiências e os conhecimentos trocados pelos alunos. Dessa forma a indisciplina que muitas vezes atrapalha a convivência no meio escolar, no caso específico da escola não se percebe.

Com relação à avaliação foi perguntado. A avaliação encoraja a melhoria dos resultados dos(as) alunos:

- Parcialmente. Tendo em vista que as vezes é preciso chamar atenção dos mesmos. (entrevistado 1)
- Sim, com a avaliação os professores podem enfatizar os conteúdos que os alunos apresentaram mais dificuldades. (entrevistado 2)
- Sim, pois a avaliação serve para os professores terem uma certa noção de quais conteúdos os alunos tiveram dificuldades de aprendizagem. (entrevistado 3)
- Nem sempre. Quando satisfatório sim, quando não os mesmos se sentem desestimulados e acabam sempre culpando o professor pelo insucesso. (entrevistado 4)
- Nem sempre. Às vezes é desestimulante. (entrevistado 5)

Para 40% dos(as) informantes a avaliação contribui para a melhoria dos resultados dos alunos, mas é importante ressaltar que nas falas os entrevistados falam da importância para a avaliação do próprio professor com relação as dificuldades do(a) aluno(a), enquanto 60% concordam apenas parcialmente o que nos leva a compreensão de que não existe por parte dos entrevistados uma clareza no processo avaliativo da escola, deixando margem para que seja questionada a mesma.

Ao ser questionado sobre a disciplina na sala de aula. A disciplina na sala de aula é baseada no respeito mútuo:

- Sim. Os professores procuram trabalhar os valores que devem nortear a vida das crianças para uma relação amigável. (entrevistado 1)
- Sim, o respeito é formado no cotidiano. (entrevistado 2)
- Sim, o respeito é algo trabalhado na formação humana no dia a dia. (entrevistado 3)
- Embora existam casos de indisciplina e conflito entre os alunos é comum esses acabarem na sala mesmo sem nenhum prejuízo moral para as partes. (entrevistado 4)
- Sim. Embora existam alguns atritos é natural entre os jovens. (entrevistado 5)

De acordo com 100% dos(as) entrevistados(as) a indisciplina não é problema na sala de aula. Pequenos conflitos, picuinhas ou discordâncias em alguns pontos são comuns e fazem parte da convivência entre as pessoas, mas de forma alguma esses desentendimentos prejudicam ou tem prejudicado o trabalho desenvolvido pelo(a) professor(a) dentro da sala de aula.

Sobre as ações dos(as) professores(as) em conjunto. Os(as) docentes planejam e ensinam em parceria?

- Parcialmente. Como já dito antes eles estão mais voltados para sua disciplina. (entrevistado 1)
- Sim, os professores por meio de roda de conversa trocam ideias e experiências. (entrevistado 2)
- Sim, os professores participam de rodas de conversa, planejamentos e trocas de experiências. (entrevistado 3)
- Não. Existem casos específicos onde uns conseguem efetivar as experiências vivenciadas. Apenas em encontros mensais é possível essa aproximação mais efetiva. (entrevistado 4)
- Não. Cada um faz seu plano diferenciado. Em alguns encontros mensais acontecem as trocas de experiências. (entrevistado 5)

Dos(as) entrevistados(as) 40% afirmaram que sim, 40% disseram que não e 20% concordam parcialmente que existe uma parceria. É complexo mensurar esse entendimento dos entrevistados dado as afirmações negativas e positivas. Ao que nos parece não existir um consenso sobre esse ponto. Outro fator a ser trabalhado pela escola haja vista que existe uma clara divisão de opiniões e conseqüentemente o fato de não existir uma parceria entre os professores em uma escola pequena como a pesquisa indica que precisa ser trabalhada as relações no âmbito escolar.

Outra questão levantada na pesquisa foi se os(as) professores(as) se preocupam em apoiar a aprendizagem e a participação de todos(as) os(as) alunos(as):

- Sim. Fazem o seu melhor. (entrevistado 1)
- Sim, o professor deve ter o objetivo de integrar todos os alunos no desenvolver das aulas para um obter um melhor aprendizado. (entrevistado 2)
- Sim, o professor tem o objetivo de integrar e envolver os alunos para uma melhor aprendizagem. (entrevistado 3)
- Sim. Eles buscam o melhor para seus alunos. Se preocupam com a aprendizagem dos mesmos. (entrevistado 4)
- Sim. O êxito ou não nem sempre é responsabilidade do professor. As vezes o aluno tem alguma dificuldade e o professor precisa criar novas estratégias. (entrevistado 5)

De acordo com 100% dos(as) entrevistados(as) existe sim um cuidado e a preocupação com a aprendizagem dos alunos. Não medem esforços para criar estratégias. Mas também deixam claro que o aluno precisa demonstrar interesse pela sua aprendizagem, pois só o esforço do professor não é suficiente para o sucesso do(a) aluno(a).

Perguntado aos entrevistados sobre a participação destes nas atividades. Os(as) estudantes participam nas atividades fora da sala de aula?

- Parcialmente. Alguns são tímidos e evitam a exposição. (entrevistado 1)
- Não, há resistências em alguns alunos pelo fato da timidez ou por não se identificar com a atividade. (entrevistado 2)
- Não, pois tem alunos que não participam das atividades por não gostarem ou outros motivos. (entrevistado 3)
- Não. Existem aqueles mais tímidos que não gostam desse tipo de atividade, mas em geral a grande maioria participa. (entrevistado 4)
- Não. Tem alguns tímidos que não gostam das atividades sem ser na própria sala. (entrevistado 5)

De acordo com as falas 80% dos(as) entrevistados(as) responderam que não participam, enquanto 20% afirmaram que sim, que participam. Para os(as) entrevistados(as) o grande problema na não participação nas atividades é a timidez, ou simplesmente não gostam de atividades extraclasse, o que para muitos é se expor, e para estes fica difícil já que preferem ficar no anonimato, sem assim interagir com os(as) outros(as) colegas.

Perguntado aos(as) entrevistados(as) sobre os recursos, e se estes favorecem a inclusão de alunos(as) com deficiência. Os recursos da escola são utilizados para apoiar a inclusão?

- Sim. A escola busca através desses recursos inovar em materiais didáticos que ajudam na aprendizagem das crianças. (entrevistado 1)
- Não, porque a necessidade dos alunos sempre vem por último quando fala da questão financeira. (entrevistado 2)
- Não, pois a escola não tem condições de atuar de forma necessária que inclua e dar apoio a inclusão. (entrevistado 3)
- Não dispomos de recursos didáticos. A professora responsável pelo AEE ela mesma confecciona seus jogos e no ambiente da sala de aula o professor tentar criar algo para ajudar seu aluno. Mas são atividades ainda que deixam muito a desejar. (entrevistado 4)

- Não se tem muitos recursos. Normalmente os professores confeccionam seus materiais. (entrevistado 5)

De acordo com as falas 80% dos(as) entrevistados(as) responderam que não, enquanto 20% afirmaram que sim. Na realidade a escola pensa no(a) estudante como um todo e normalmente os recursos são aplicados na compra de materiais didáticos que contemplem a todos, mas não especificamente a um grupo. Com relação ao material didático normalmente na ausência destes na escola o(a) docente que se responsabiliza em criar alternativas para que o(a) aluno(a) possa ter a oportunidade de solucionar seus problemas com a criação de jogos para serem aplicados com essas crianças.

Sobre os recursos que a escola recebe foi perguntado. Os recursos da escola são conhecidos e a utilização destes pela comunidade?

- Sim. Existe um conselho que acompanha esses recursos. (entrevistado 1)
- Não, a comunidade não visa a educação como um direito seu. (entrevistado 2)
- Não, pois a comunidade não sente se envolvida no processo de aprendizagem. (entrevistado 3)
- Nos últimos anos tem se notado uma centralização nas decisões e nem sempre a comunidade está por dentro do que acontece quando se fala em recursos que a escola recebe. (entrevistado 4)
- Não. Nos últimos tempos a comunidade parou de se interessar por esses recursos. Quando a escola convida é que a mesma vem. (entrevistado 5)

80% dos(as) entrevistados(as) responderam que não, enquanto 20% responderam que sim. Com isso entende-se que a gestão da escola não se mostra transparente como deveria ser. Fala-se muito em gestão participativa, democrática e isso implica a participação de todos os segmentos nas decisões quanto a aplicação dos recursos financeiros da escola, mas de acordo com as falas isso não está acontecendo na escola.

Com relação à lotação dos(as) professores(as) e suas áreas específicas, foi perguntado. A especialização dos(as) profissionais é bem rentabilizada na escola?

- Sim. Os mesmos estão alocados em sua área específica que ajuda no melhor entendimento dos mesmos. (entrevistado 1)
- Não, pois na maioria das vezes a “escola” só valoriza a quem tem interesse. (entrevistado 2)
- Não, pois infelizmente as vezes a escola não valoriza a todos. (entrevistado 3)
- Não. Os professores são alocados de acordo com a necessidade da escola. Somente nas áreas de língua portuguesa e matemática é que existe essa preocupação. (entrevistado 4)
- Não. Alguns professores são alocados pela necessidade, e não especialidade. (entrevistado 5)

Questionado sobre as diferenças entre os(as) alunos(as) e se as mesmas são utilizadas como um recurso para o ensino e para a aprendizagem, obtivemos as seguintes respostas.

- Sim. Diante da observação do professor este busca levar conhecimentos que correspondam às suas necessidades. (entrevistado 1)
- Sim, a junção desses alunos promove o desenvolvimento dos mesmos. (entrevistado 2)
- Sim, pois esses alunos juntos trocam experiências. (entrevistado 3)
- Normalmente o professor utiliza atividades em grupos que facilitam essa troca de experiências e assim um aluno vai ajudando o outro que apresenta certa dificuldade. (entrevistado 4)
- Sim. As atividades em grupos facilitam o trabalho de todos. (entrevistado 5)

De acordo com 100% dos(as) entrevistados(as) a resposta foi sim, essas diferenças dentro da sala contribuem para que os(as) alunos(as) que aprendem com mais facilidade possam ajudar seus colegas, para isso o(a) professor(a) utiliza estratégias de atividades em grupos que corroboram para que haja um envolvimento maior por parte dos(as) alunos(as) e também ajuda no processo de interação com os colegas.

Sobre o papel dos(as) profissionais com relação à aprendizagem dos(as) escolares foi questionado. Os(as) profissionais desenvolvem medidas para apoiar a aprendizagem e a participação dos(as) alunos(as)?

- Sim. Todos muitos inovar e trazer metodologias que ajudem nesse processo. (entrevistado 1)
- Sim, pois os professores se reinventam diariamente para promover a participação de todos os alunos. (entrevistado 2)
- Sim, pois os professores buscam diariamente formas que promovam a participação de todos no processo de ensino/ aprendizagem. (entrevistado 3)
- Sim. Estes recebem formação mensal o que de certa forma contribui para as trocas de experiências e o apoio pedagógico dentro da instituição também ajuda a que estes busquem o que melhor pode contribuir na aprendizagem dos alunos. (entrevistado 4)
- Sim. É complexo, demanda tempo, investimento no conhecimento, mas a grande maioria tem esse compromisso. (entrevistado 5)

De acordo com as respostas, 100% dos(as) entrevistados(as) responderam que sim e a resposta dos mesmos está relacionada a formação que recebem por parte da secretaria de educação que através das formações mensais contribuem de forma significativa para dar suporte a estes na elaboração de estratégias que corroboram para a aprendizagem dos alunos. Mas não somente o apoio da secretaria atribuem também ao esforço de cada um no aprimoramento de suas práticas.

Com relação aos alunos que tem necessidades educacionais especiais foi perguntado. Considera que os pais recorrem à escola para esclarecimento/apoio da criança com deficiência:

- Sim. Qualquer indicio de uma possível anormalidade eles procuram a escola para tirar dúvidas. (entrevistado 1)
- Não, os pais procuram a escola para adquirir um auxílio. (entrevistado 2)
- Não, pois os pais vão à escola em busca de ajuda. (entrevistado 3)

- Normalmente a escola detecta a dificuldade e chama a família. Mas quando o caso já vem desde a criança nos primeiros anos de vida e vem de acompanhamento os pais notificam a escola e está busca encontrar mecanismos que ajudem essas crianças. (entrevistado 4)
- Às vezes é o contrário a escola é que detecta o problema. Somente quando a criança já chega com o diagnóstico é que a família vai notificar a escola. (entrevistado 5)

De acordo com os dados levantados 20% dos(as) entrevistados(as) responderam que sim, 40% responderam que é a escola que detecta o problema e 20% apontaram que os pais procuram a escola em busca de receber algum benefício com o problema do filho. Entende-se dessa forma que na visão dos entrevistados os pais não é a escola a primeira instituição que os pais procuram quando percebem alguma anormalidade, ainda de acordo com as respostas normalmente é a escola que detecta e convoca os pais para uma conversa e explicar a situação percebida pelos(as) professores(as) e/ou quando percebem vão a escola apenas para poder se beneficiar financeiramente da situação.

Com relação ao número de alunos(as) por sala foi perguntado. Considera importante a redução do número de estudantes por turma com a inclusão de escolares com necessidades educativas especiais?

- Sim. Porque uma sala com muitos alunos não é possível dá uma atenção mais específica para a criança. (entrevistado 1)
- Sim, com a redução de alunos sendo inclusão ou não o processo educativo é mais significativo. (entrevistado 2)
- Sim, pois com a redução o professor terá como dá apoio aos alunos. (entrevistado 3)
- Sim. Dessa forma será possível o professor dá mais atenção a esses alunos. (entrevistado 4)
- Sim. Mas não acredito que mudaria o comportamento dos professores se estes não se sentirem preparado para ensinar essas crianças. (entrevistado 5)

De acordo com 100% dos(as) entrevistados(as) seria bastante válido tendo em vista que as salas normalmente são lotadas não tendo como dar atenção a esses(as) alunos(as) com necessidades especiais, mas também são enfáticos ao afirmar que mesmo assim não mudaria muito a postura destes tendo em vista que não se sentem preparados para lidar com esses alunos, até pela falta de conhecimento para trabalhar com os(as) mesmos(as).

A escola infelizmente não trabalha com estratégias que venha corroborar para a mudança do quadro atual tendo em vista que seus gestores apontam que a responsabilidade não compete a eles, e sim, a quem está a frente da secretaria de educação do município e com a qual não pode contar de forma mais efetiva. O que se pode acrescentar é que a escola dispõe de uma sala de AEE onde os alunos com deficiência são encaminhados para a mesma mediante uma escala realizada pela psicopedagoga para atendimento dos mesmos. Os recursos didáticos são construídos pela própria professora do AEE.

8. CONCLUSÃO

A pesquisa possibilitou para reforçar o sentimento que a maioria dos professores sentem assim como eu, a angústia por não saber lidar com esse público. Que existe uma distância ainda muito grande entre a teoria e a prática. Fala-se muito de inclusão, de sua importância, dos avanços, mas que na prática a pesquisa mostrou que a escola pode ter compreendido até de inclusão, só que a realidade é outra, são alunos matriculados no sistema regular de ensino e deixados à margem do processo de aprendizagem, tendo em vista que o professor titular sempre tem a desculpa de não saber o que fazer.

Minha convicção é que a partir desse trabalho possamos enquanto educadores entender o nosso papel na sociedade na qual estamos inseridas, no trabalho que realizamos dentro da instituição tendo em vista que também nos tornamos reféns desse processo de inclusão haja vista que não buscamos entender os diferentes em meio as diferenças que são tão comuns na sociedade em que vivemos.

Para a escola espero que de fato ela repense seu projeto político pedagógico, que não utilize de respostas prontas para demandas que não consegue resolver e que incentive a seus professores buscar a formação necessária para lidar com essa nova clientela que faz parte da escola, não há como negar, como fugir dessa realidade. Essas crianças tem o mesmo direito assegurado como aqueles que são tidos como “normais”. É necessário deixar os achismos de lado e entender que o conhecimento não é algo estático, ele precisa ser buscado, aprimorado para que se possa oferecer uma educação que realmente inclua as crianças com necessidades especiais, não apenas as coloque na escola como determina a lei, mas que faça com que a mesma se sinta participante dela, tendo em vista que ficou evidente que a escola não dispõe de estratégias e/ou ações que contribuam para o processo de inclusão dos alunos com necessidades especiais.

Com relação ao município a verdade precisa ser dita, a educação anda longe de ser prioridade no município de Acarape, que as informações aqui apresentadas possam esclarecer as dificuldades de muitos professores, assim como gestores que ainda não sabem como se comportar diante da questão da inclusão das crianças em salas regulares. Que as políticas públicas existentes e alguns dispositivos legais possam ser respeitados e conseqüentemente essas crianças possam ser percebidas e acima de tudo seus direitos atendidos em suas necessidades.

As contribuições para os movimentos sociais da área da educação especial é alertar os mesmos para a necessidade de um acompanhamento mais de perto sobre as ações que acontecem no âmbito não só das instituições escolares, como da própria gestão municipal tendo em vista as dificuldades percebidas para incluir as crianças com necessidades especiais em salas regulares, não se trata aqui de matriculas, estão falando de oportunidades, direitos assegurados e que é muito comum se perceber a usurpação dos mesmos. Matricular a criança especial na escola regular não significa inclusão. Inclusão vai muito além disso, e é preciso que essas instituições que defendem os direitos dessas crianças estejam atentas ao que acontece em torno e com elas.

As maiores dificuldades encontradas foram justamente na aplicação do questionário tendo em vista a excepcionalidade da situação que o mundo atravessa por conta da pandemia nem todas as pessoas contactadas para as entrevistas se dispuseram a colaborar. As que se prontificaram demoraram a retornar o que implicou muita angústia e preocupação.

Para a escola deixo meu respeito e a certeza de que é possível fazermos mais, é preciso investir mais nas pessoas, acreditar no potencial de cada criança, que todos somos diferentes, mas é exatamente isso que nos aproxima. Mas é importante que se diga, não se pode construir um projeto político pedagógico sem que todos possam estar envolvidos, ninguém constrói nada sozinho, principalmente na educação. É importante sair da teoria e viver na prática tudo aquilo que aprendemos, tanto para nossa vida pessoal como de muitas crianças que dependem da escola para adquirir sua formação, e essa formação passa por todos que fazem a escola, nesse sentido entendemos que não podemos fazer educação de qualquer jeito, mas respeitando cada um em suas particularidades.

Acredito que a deficiência não deve ser algo que nos impeça de sonhar e buscar a realização destes. Para cada um de nós Deus deu um dom especial e cada criança especial traz dentro de si algo que temos que aprender. Dessa forma desejo que elas acreditem em si mesma, não desanimem diante dos obstáculos e lutem por aquilo que acreditam.

Finalizo o trabalho feliz, convicta de que o mesmo pode contribuir para que futuros pesquisadores aprofundem ainda mais essa temática tão complexa e que demanda mais investigação, mais verdades considerando que até então de tudo que foi percebido existe um longo caminho a percorrer para desmistificar aspectos que envolvem a inclusão do aluno deficiente nas salas regulares.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição. Texto Constitucional. Promulgada em 5 de outubro de 1988. _____. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Brasília, 2002.

BRASIL. Constituição Federal (1988). Rio de Janeiro: FAE, 1989.

_____. **Declaração de Salamanca.** Brasília, DF: UNESCO, 1994.

_____. **Plano Nacional de Educação 2014-2024. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências.** – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

CANDAU, Vera Maria et al. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o cidadão?** São Paulo: Papirus, 1991.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Direitos humanos e cidadania.** São Paulo: Moderna, 2004.

LOURO. Guacira. L. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis: Vozes 1997.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** Editora Pedagógica e Universitária LTDA.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido.** São Paulo: Grubhas, 2003.

GERHARDT, Tatiana E., SILVEIRA, Denise T. **Métodos de pesquisa.** 1. ed. UFRGS Editora 2009.

MANTOAN. Maria Teresa Eglér **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** / Maria Teresa Eglér Mantoan. — São Paulo: Moderna, 2003. — (Coleção cotidiano escolar)

FERREIRA, M. C. C. **Os desafios da educação escolar do aluno com deficiência mental no âmbito do ensino regular.** MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; TANAKA, E. D. O.; BUSTO, R. M.; SOUZA, S. R. de; GLAT, R., FERREIRA, J. R; OLIVEIRA, E. da S. G. & SENNA, L. A. G. Panorama nacional da educação inclusiva no Brasil. Relatório de consultoria técnica, Banco Mundial, 2003. Disponível em www.cnotinfor.pt/projectos/worldbank/inclusiva . Acesso em 30 de setembro de 2020.

FUTURA CONSULTORIA. **Exigência do laudo médico nas escolas: garantia ou restrição de direitos.** 2018. Disponível em: <https://futuraconsultoria.com/laudo-medico/>. Acessado dia 05/09/2020

SOARES. Wellington, Pedro Annunciato e Patrick Cassimiro. **Por trás do laudo existe um aluno.** Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/9002/por-tras-do-laudo-existe-um-aluno>. Acessado dia 10/09/2020

MESQUITA. Ana Paula Siqueira Lazzareschi de. **Inclusão escolar sem laudo é direito da criança.** Disponível em: <https://direcionalescolas.com.br/inclusao-escolar-sem-laudo-e-direito-da-crianca/> . acessado dia 20/09/2020

CANAL FUTURA. **Laudos médicos: ajudam ou atrapalham o aluno na escola?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k2Kal96hwwQ>. Acessado dia 30/08/2020

Inclusão escolar sem laudo é direito da criança. Revista do Gestor Escolar. Disponível em: <https://dizacionalescolas.com.br/inclusao-escolar-sem-laudo-e-direito-da-crianca/> Acesso: 17 out. 2020.

SEVERINO. Antônio Joaquim – **Metodologia do Trabalho Científico** .21 Edição Revista e Ampliada – e-book digitalizado, 2009.

SOUZA, João Valdir Alves de. **Introdução à Sociologia da Educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

APÊNDICE



UNILAB

Universidade da
Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

O presente questionário, destina-se a desenvolver um estudo sobre o Laudo Psicológico na escola, o mesmo faz parte da pesquisa do TCC do Curso de Antropologia da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira). As informações obtidas são de caráter anônimo e confidencial.

QUESTIONÁRIO

PERGUNTAS	RESPOSTAS				
	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5
1. Tudo é feito para que todos se sintam bem-vindos?	Concordo parcialmente pois falta estrutura adequada para receber essas pessoas especiais.	Não, pois nem todos sentem o prazer em participar.	Não, pois nem todos participam.	na medida do possível tendo em vista as limitações da própria instituição. Mas com relação ao contexto humano é possível.	Sim. A escola busca fazer o melhor para sua clientela.
2. Os alunos ajudam-se uns aos outros?	Concordo plenamente. As experiências vividas faz com que percebamos que eles se ajudam mutuamente.	Sim, sempre há aqueles alunos que tem o interesse em ajudar os outros colegas.	Sim, pois tem alunos que gostam de ajudar os colegas.	percebemos isso no fundamental I, são crianças pequenas e as mesmas se protegem. Na hora de um problema todos se comovem.	sim. As crianças normalmente são amigas e isso ajuda nas atividades dentro de sala, algumas ajudam muito aqueles que tem mais dificuldade.
3. Os profissionais colaboram uns com os outros:	Concordo parcialmente porque os professores tem suas próprias atribuições e o que impede de um maior envolvimento com os outros colegas.	Não, pois nem todos conseguem ter um bom relacionamento.	Não, pois tem profissionais que não se dão bem.	nem sempre. O ego fala mais alto. Principalmente a nova geração, tendo em vista que são profissionais em início de formação e todos querem mostrar trabalho diferenciado.	não. Ainda se percebe uma disputa de ego entre os mais jovens, enquanto os mais antigos da escola procuram colaborar mais uns com os outros.
4. Profissionais e alunos tratam-se com respeito?	Concordo plenamente. Há uma boa interação entre ambos	Sim. Mesmo tendo uma amizade com liberdade sempre há limites.	Sim, pois todos tem um bom relacionamento.	às vezes, mas é importante ressaltar que por alguns professores serem muitos jovens acabam acontecendo confronto. É necessário que haja uma maior maturidade por parte dos professores.	apesar de muitos professores jovens e isso as vezes afeta a relação principalmente no fundamental II existe uma boa relação.
5. Profissionais e pais trabalham em parceria?	Concordo plenamente. Os pais são presentes e preocupados com a educação dos filhos.	Não. Ainda há alguns pais que pensam que é responsabilidade só da escola o processo de educação e ensino/aprendizagem.	Não, pois infelizmente ainda existem pais que não colaboram com o processo de educação e ensino	a relação com a escola sempre é muito difícil. Porque existe uma clara percepção de que os pais acreditam que é apenas a escola que tem essa incumbência de educar e formar. E assim sempre esse	não. Os pais as vezes só aparecem na escola quando são solicitados. Mas ainda tem aqueles que acompanham todos os trabalhos da escola.

			aprendizagem, achando que o processo de aprendizagem é responsabilidade só da escola.	conflito precisa ser trabalhado continuamente.	
6. Profissionais e órgão de gestão trabalham bem em conjunto.	Concordo plenamente. Sim. há uma estreita relação entre estes.	Nem sempre, pois com uma grande quantidade de funcionários (opiniões) sempre vai haver resistência na aceitação de propostas.	Não, pois na maioria das vezes os funcionários tem opiniões diferentes, o que leva muitas vezes a divergências e resistências.	nem sempre. Pela própria hierarquia existe uma dificuldade de lidar com pessoas.	nem sempre. As vezes acontecem discordâncias. Mas como toda relação é superável considerando que a hierarquia dentro de qualquer instituição precisa ser respeitada.
7. A comunidade local está envolvida com a escola.	Concordo plenamente. Todos participam ativamente.	Sim. Mas vejo que é uma pequena maioria, para um melhor desenvolvimento é necessária uma parceria mais forte entre escola/comunidade.	Sim, mesmo que sendo uma minoria.	existe um envolvimento sim quando a escola solicita. Mas é preciso que essa relação se torne mais estreita.	quando é solicitada não se furta em participar. Mas talvez falte esse sentido de parceria dessa forma o trabalho ficaria menos oneroso para a escola.
8. Existem altas expectativas relativamente a todos os alunos.	Concordo parcialmente poucas perspectivas. A realidade do meio em que estes vivem acaba refletindo nas expectativas dos mesmos.	Pois há alunos que expressão um grande interesse e possuem uma visão futura surpreendente. Por outro lado, há alunos que não tem foco e nem interesse.	Alguns apresentam bastante interesse e participação, já outros apresentam pouco	trabalhamos para isso. Mas é importante ressaltar que o meio onde os mesmos estão inseridos não contribui. A escola sozinha não pode fazer sua parte sem que a família se envolva.	dentro da comunidade em que a escola está inserida são crianças oriundas de famílias que apresentam muitas dificuldades tanto nos aspectos de relacionamento dentro de casa, e isso acaba resvalando no processo de aprendizagem da criança que muitas

			interesse		vezes se sente desmotivado.
9. Profissionais, alunos, pais/encarregados de educação partilham uma filosofia de inclusão.	Concordo plenamente porque se percebe o interesse dos mesmos.	Não. Ainda há pessoas que tem um grande preconceito em relação a crianças com deficiências.	Não, pois ainda existem pessoas que não respeitam as diferenças e são preconceituosas em relação as pessoas com deficiências e necessidades especiais.	ainda é muito novo a questão da inclusão na escola tendo em vista que os casos apesar de serem um número expressivo para a quantidade de alunos na escola, não existem um cuidado especial, além de uma atenção específica no processo de aprendizagem.	aos poucos esse sentimento vai nascendo dentro da escola. Embora ainda se perceba certa dificuldade por não saber lidar com essa clientela.
10. Todos os alunos são igualmente valorizados	Concordo plenamente. não existe uma predileção por um ou outro.	Não, geralmente a classe econômica e o nível de aprendizagem ainda influencia em relação a valorização do aluno.	Não, infelizmente as condições de classes econômicas e o nível de aprendizagem influencia na valorização do aluno.	não percebemos por parte de todos que compõem a escola nenhum tipo de preconceito. Alguns apenas se sobressaem melhor que outros, mas isso não é motivo para discriminação.	sim. Não há distinção. Apenas alguns são mais reticentes a uma aproximação mais carinhosa decorrentes da própria estrutura familiar.
11. Profissionais e alunos são tratados como pessoas que têm um “papal” na vida da escola	Concordo plenamente porque existe na gestão e a comunidade conseguem perceber a importância de cada um.	Sim, a escola só cria vida com a participação dos profissionais e alunos.	Sim, pois todos são tratados de forma importante e que contribuem para o crescimento da escola.	sim. Cada um dentro de sua função. Procura-se manter o respeito para com todos indistintamente.	sim. A escola e seus profissionais procuram trabalhar nesse sentido.
12. Os profissionais procuram eliminar todas as barreiras à aprendizagem	Concordo plenamente porque percebemos um grande esforço de todos para que a aprendizagem aconteça.	Sim, esse é um trabalho que está em fase de desenvolvimento onde toda a escola esteja voltada a só	Sim, pois os profissionais mesmo com todas as	eles tentam. Mas no que tange aos alunos com necessidades educacionais especiais ainda se comportam de	sim. Embora se possa afirmar que é mais uma questão cultural do que qualquer outro problema de relacionamento. E isso demanda tempo.

m e à participação na escola		um objetivo a aprendizagem.	dificuldade es trabalham todos os dias com o objetivo de eliminar as barreiras da aprendizagem.	forma como se fossem incapazes de dar a atenção adequada a esse grupo.	
13. A escola esforça-se por minimizar as práticas discriminatórias	Concordo plenamente. Tem procurado na medida do possível evitar atitudes preconceituosas.	Sim, porem vivemos em meio a uma cultura onde o preconceito predomina.	Sim, porém infelizmente as práticas discriminatórias é algo que faz parte do cotidiano das pessoas.	não existe ou pelo menos que se perceba essa discriminação.	não se percebe qualquer tipo de preconceito nesse sentido. Os alunos mantêm uma boa relação.
14. Os novos profissionais são ajudados a integrar-se na escola	Concordo plenamente. Todos são muito bem vindos e tanto a gestão como os profissionais antigos os abraçam com carinho	Sim, desde que o mesmo seja aberto a aceitação do novo.	Sim, desde que o mesmo permita-se integrar.	a escola busca fazer o melhor para que eles se sintam bem, mas qualquer processo de interação demora um pouco para acontecer plenamente.	sim. A escola tem essa prática de ser acolhedora.
15. A escola esforça-se por admitir todos os alunos da sua localidade	Concordo plenamente. Tendo em vista que a mesma é a única referência na localidade.	Sim, pois a escola visa a facilidade do acesso para o aluno de sua localidade.	Sim, Pois a escola tem o objetivo de facilitar o acesso do aluno a escola.	sim. Não temos limites de vagas, há um cuidado especial apenas na educação infantil. Mas procuramos atender a todos que procuram a escola.	sim. Não temos limites de matriculas, apenas temos cuidado com o excesso, mas não chega a tanto. Mas nunca deixamos de atender a comunidade.
16. A escola torna o seu edifício acessível a todas as pessoas	Concordo plenamente. Aberta a comunidade e suas necessidades.	Sim, mas por ser um ambiente educacional possui regras nas quais os visitantes	Sim, porém de uma forma organizada e com regras por se tratar	sim. O espaço é aberto para a comunidade, ou qualquer instituição que dela precise.	sim. O prédio é acessível a todos que dele precise, para situações de caráter informativo, ou festivo da comunidade

		devem cumprir.	de um ambiente educacional.		respeitando as regras vigentes.
17. Os novos alunos são ajudados a integrar-se	Concordo plenamente estimula-os com atitudes positivas para que estes se sintam acolhidos.	Sim, logo os alunos se integram nos grupos que se identificam	Sim, pois cada um se integra no grupo que lhe chama mais atenção e lhe acolhe.	sim. Embora a demanda de novos alunos seja mínima. Normalmente alunos novatos acontece quando acontece o fluxo de migração para a comunidade.	sim. Todo aluno novato recebe um carinho especial da escola.
18. A escola organiza os grupos/turma valorizando a diversidade	Discordo. Não existe um trabalho específico com relação a isso.	Sim, mas divisão das turmas ainda não estão mescladas como deveria ser.	Sim, Porém as divisões de turmas ainda não está da forma necessária.	não. A escola não faz essa triagem. Pela própria estrutura e até pelos números de alunos insuficiente para que isso possa acontecer.	não existe essa divisão. Até porque a escola não tem estrutura.
19. Todas as modalidades de apoio estão articuladas entre si	Concordo plenamente. Buscam encontrar um caminho para minimizar os efeitos das diferenças.	Não, não há a organização de planejamentos entre as modalidades para que possam trabalhar em um mesmo alinhamento.	Não, pois as ações e planejamentos ainda não estão de modo alinhado.	não. Cada um trabalha isoladamente com a coordenadora. Só acontece uma articulação quando surge algum projeto que contemple a todos.	não. Cada um busca fazer o seu trabalho. quando existe algum projeto que exija essa articulação a mesma acontece.
20.A formação contínua ajuda os profissionais a responder à diversidade	Um pouco. Haja vista que não existe uma formação específica nessa área. Apenas para o professor do AEE	Sim, as formações ajudam os profissionais a saber lidar com as diversidades.	Sim, as formações dão apoio ao professor.	não se percebe com muita clareza os resultados das formações especificamente com relação a diversidade tendo em vista que muitos professores ainda se sentem incapazes de ver essas questões.	nem sempre. Embora eles afirmam ser proveitosa, não se percebe mudanças pontuais no comportamento dos professores.
21.As respostas às “necessidades especiais” são	Sim. A escola busca responder as demandas existentes	Não, pois os profissionais não estão preparados para lidar com todos as	Não, pois nem todo profissional está preparado para lidar	não. Os profissionais não se sentem preparados para lidar com essas demandas.	não. Porque o professor não sabe como atuar com essa clientela, a não ser o próprio professor da sala de AEE.

respostas inclusivas		“necessidades especiais” que encontram nas salas de aula.	com certas situações e necessidades especiais que encontramos no dia a dia em sala de aula.		
22. O apoio educativo reduz as barreiras à aprendizagem e à participação de todos os alunos. As medidas disciplinares que recorrem à exclusão estão a decrescer	Sim. A coordenação busca trabalhar essas questões.	Sim, para um processo de aprendizagem deve ter um grau de afetividade entre os envolvidos.	Sim, Pois a afetividade e com os envolvidos favorece no processo de ensino/aprendizagem.	sim. A gestão tenta fazer com que todos recebam a atenção e o cuidado necessário para promover sua aprendizagem. A disciplina é aplicada a todos indistintamente.	a gestão tenta minimizar os efeitos de uma possível exclusão, mas não é algo tão evidente na escola, já que o grau de alguns alunos é quase imperceptível.
23. As aulas dão resposta à diversidade	Sim. Os professores elaboram atividades que contemplem esses alunos especiais.	Sim, mas para um melhor desenvolvimento de diversidade é realizado projetos.	Sim, porém é necessário o todo um conjunto de atitudes que melhorem o desenvolvimento de diversidade.	de certa maneira. Mas acontece quando é realizado um projeto que tem abrangência dentro da escola como um todo.	o professor se esforça. Mas é difícil alcançar a todos.
24. As aulas são preparadas para serem acessíveis a todos os alunos	Não. Tendo em vista que na sala que existe alunos especiais as atividades devem alcançar a necessidade do aluno em questão.	Sim. Porém a escola não disponibiliza matérias suficientes para um bom desenvolvimento e nem sempre o professor que trabalha 200hrs possui	Sim, mesmo sabendo das limitações de cada um.	nem sempre. Sabemos que o professor prepara suas aulas com foco naqueles alunos que vão conseguir realizá-las, embora se negue esse fato fica evidente que aqueles que apresentam alguma	não. É muito comum o professor preparar as aulas para aqueles alunos que sabem.

		tempo para preparar uma aula criativa.		dificuldade não conseguem acompanhar.	
25. As aulas desenvolvem uma compreensão das diferenças individuais	Sim. Tendo em vista que as mesmas são elaboradas de acordo com a necessidade dos alunos.	Não, pois o professor que possui 25 alunos não tem condições e atendê-los individualmente.	Não, pois o professor não tem condições de dar apoio individual a cada aluno, pois são salas com mais de 20 alunos.	não. Como já dito, as aulas buscam contemplar os alunos e estes que possuem maior habilidades são favorecidos enquanto os outros dependeram do apoio de terceiros.	não. Devido a falta de recursos e o pouco conhecimento do professor sobre esses problemas.
26. Os alunos estão ativamente envolvidos na sua própria aprendizagem	Parcialmente. Ainda existe uma dificuldade muito grande com relação ao interesse do aluno.	Não. Alguns alunos não conseguem ver a importância de aprender determinado assunto para sua vida, levando o desinteresse e a falta de compromisso.	Não, pois alguns alunos não dão a devida valorização e importância para aprender.	aqueles que tem um maior esclarecimento pelo apoio dos pais e poderem contar com aulas particulares de reforço assim como o acompanhamento pelos mesmos nas explicações dadas em sala de aula.	alguns sim. Os maiores do fundamental II, mas ainda percebemos pouco interesse de outros.
27. Os alunos aprendem de forma cooperativa	Sim. As atividades promovidas na sala corroboram para esse fim.	Sim, os alunos que possuem uma maior habilidade norteiam os outros colegas a encontrar um resultado.	Sim, pois os alunos que tem uma maior facilidade de aprender, quando terminam suas atividades vão ajudar os colegas.	existe essa troca é perceptível. Os alunos gostam de se ajudarem.	sim. Os alunos gostam de interagir com os outros, embora exista alguns mais tímidos, mas a grande maioria existe essa troca.
28. A avaliação encoraja a melhoria dos resultados dos alunos	Parcialmente. Tendo em vista que as vezes é preciso chamar atenção dos mesmos.	Sim, com a avaliação os professores podem enfatizar os conteúdos que os alunos apresentaram mais dificuldades.	Sim, pois a avaliação serve para os professores terem uma certa noção de quais	nem sempre. Quando satisfatório sim, quando não os mesmos se sentem desestimulados e acabam sempre culpando o professor pelo insucesso.	nem sempre. Às vezes é desestimulante.

			conteúdos os alunos tiveram dificuldades de aprendizagem.		
29. A disciplina na sala de aula é baseada no respeito mútuo	Sim. Os professores procuram trabalhar os valores que devem nortear a vida das crianças para uma relação amigável.	Sim, o respeito é formado no cotidiano.	Sim, o respeito é algo trabalhado na formação humana no dia a dia.	embora existam casos de indisciplina e conflito entre os alunos é comum esses acabarem na sala mesmo sem nenhum prejuízo moral para as partes.	sim. Embora existam alguns atritos é natural entre os jovens.
30. Os professores planejam e ensinam em parceria	Parcialmente. Como já dito antes eles estão mais voltados para sua disciplina	Sim, os professores por meio de rodas de conversa trocam ideias e experiências.	Sim, os professores participam de rodas de conversa, planejam e trocam experiências.	não. Existem casos específicos onde uns conseguem efetivar as experiências vivenciadas. Apenas em alguns encontros mensais é possível essa aproximação mais efetiva.	não. Cada um faz seu plano diferenciado. Em alguns encontros mensais acontecem as trocas de experiências.
31. Os professores preocupam-se em apoiar a aprendizagem e a participação de todos os alunos	Sim. Fazem o seu melhor.	Sim, o professor deve ter o objetivo de integrar todos os alunos no desenvolver das aulas para um obter um melhor aprendizado.	Sim, o professor tem o objetivo de integrar e envolver os alunos para uma melhor aprendizagem.	sim. Eles buscam o melhor para seus alunos. Se preocupam com a aprendizagem dos mesmos.	sim. O êxito ou não nem sempre é responsabilidade do professor. As vezes o aluno tem alguma dificuldade e o professor precisa criar novas estratégias.
32. Todos os alunos participam nas atividades fora da sala de aula	Parcialmente. Alguns são tímidos e evitam a exposição.	Não, há resistências em alguns alunos pelo fato da timidez ou por não se identificar com a atividade.	Não, pois tem alunos que não participam das atividades por não gostarem ou outros motivos.	não. Existem aqueles mais tímidos que não gostam desse tipo de atividade, mas em geral a grande maioria participa.	não. Tem alguns tímidos que não gostam das atividades sem ser na própria sala.
33. Os recursos da	Sim. A escola busca através	Não, porque a necessidade	Não, pois a escola	não dispomos de recursos didáticos.	não se tem muitos recursos.

escola são utilizados para apoiar a inclusão	desses recursos inovar em materiais didáticos que ajudam na aprendizagem das crianças.	dos alunos sempre vem por último quando desrespeita o financeiro.	não tem condições de atuar de forma necessária a que inclua e dar apoio a inclusão	A professora responsável pelo AEE ela mesma confecciona seus jogos e no ambiente da sala de aula o professor tentar criar algo para ajudar seu aluno. Mas são atividades ainda que deixam muito a desejar.	Normalmente os professores confeccionam seus materiais.
34. Os recursos da comunidade são conhecidos e utilizados	Sim. Existe um conselho que acompanha esses recursos.	Não, a comunidade não visa a educação como um direito seu.	Não, pois a comunidade não sente se envolvida no processo de aprendizagem.	nos últimos anos tem se notado uma centralização nas decisões e nem sempre a comunidade está por dentro do que acontece quando se fala em recursos que a escola recebe.	não. Nos últimos tempos a comunidade parou de se interessar por esses recursos. Quando a escola convida é que a mesma vem.
35. A especialização dos profissionais é bem rentabilizada na escola	Sim. Os mesmos estão alocados em sua área específica que ajuda no melhor entendimento dos mesmos.	Não, pois na maioria das vezes a “escola” só valoriza a quem tem interesse.	Não, pois infelizmente as vezes a escola não valoriza a todos.	não. Os professores são alocados de acordo com a necessidade da escola. Somente nas áreas de língua portuguesa e matemática é que existe essa preocupação.	não. Alguns professores são alocados pela necessidade, e não especialidade.
36. As diferenças entre os alunos são utilizadas como um recurso para o ensino e para a aprendizagem	Sim. Diante da observação do professor este busca levar conhecimentos que correspondam às suas necessidades.	Sim, a junção desses alunos promove o desenvolvimento dos mesmos.	Sim, pois esses alunos juntos trocam experiências.	normalmente o professor utiliza atividades em grupos que facilitam essa troca de experiências e assim um aluno vai ajudando o outro que apresenta certa dificuldade.	sim. As atividades em grupos facilitam o trabalho de todos.
37. Os profissionais desenvolvem medidas para apoiar a aprendizagem	Sim. Todos muitos inovar e trazer metodologias que ajudem nesse processo	Sim, pois os professores se reinventam diariamente para promover a participação de todos os alunos.	Sim, pois os professores buscam diariamente	sim. Estes recebem formação mensal o que de certa forma contribui para as trocas de experiências e o apoio pedagógico dentro da	sim. É complexo, demanda tempo, investimento no conhecimento, mas a grande maioria tem esse compromisso.

m e a participação			formas que promova m a participação de todos no processo de ensino/aprendizagem.	instituição também ajuda a que estes busquem o que melhor pode contribuir na aprendizagem dos alunos.	
38. Considera que os pais recorrem à escola para esclarecimento/apoio da criança com deficiência	Sim. Qualquer indicio de uma possível anormalidade eles procuram a escola para tirar dúvidas.	Não, os pais procuram a escola para adquirir um auxílio.	Não, pois os pais vão à escola em busca de ajuda.	normalmente a escola detecta a dificuldade e chama a família. Mas quando o caso já vem desde a criança nos primeiros anos de vida e vem de acompanhamento os pais notificam a escola e esta busca encontrar mecanismos que ajudem essas crianças.	as vezes é o contrário a escola é que detecta o problema. Somente quando a criança já chega com o diagnóstico é que a família vai notificar a escola
39. Considera importante a redução do número de alunos por turma com a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais	Sim. Porque uma sala com muitos alunos não é possível dá uma atenção mais específica para a criança.	Sim, com a redução de alunos sendo inclusão ou não o processo educativo é mais significativo.	Sim, pois com a redução o professor terá como dá apoio aos alunos	sim. Dessa forma será possível o professor dá mais atenção a esses alunos.	sim. Mas não acredito que mudaria o comportamento dos professores se estes não se sentirem preparados para ensinar essas crianças.